



REVISTA MAIÊUTICA

Curso de Artes Visuais

Publicação de Divulgação Científica e Cultural do Núcleo de Educação a Distância do Centro Universitário
Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Copyright / Editora UNIASSELVI 2014

Reitor da UNIASSELVI

Prof. Hermínio Klock

Pró-Reitor de Ensino de Graduação a Distância

Prof^ª. Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância

Prof. Hermínio Klock

Editor-Chefe

Prof. Evandro André de Souza

Editor da Revista Maiêutica

Prof. Dr. Antônio José Müller

Editores da Seção

Prof^ª. Vania Konell

Prof^ª. Clara Anyele Schley

Prof. Darlan Carlos Dias

Prof^ª. Elisiane Souza Saiber Lopes

Prof. Geraldo Fagundes

Editoração e Diagramação

Letícia Vitorino Jorge

Capa

Cleo Schirmann

Revisão Final

Deise Stolf Krieser

Joice Nardelli

Publicação Online

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri
UNIASSELVI – Indaial.

Apresentação

A Revista Maiêutica de Artes Visuais, que apresentamos a você com grande satisfação, abrange um conjunto de artigos específicos relacionados à área de Artes Visuais. Esses textos traduzem os processos educativos à instância da aprendizagem colaborativa, uma vez que fomentam a atuação conjunta de professores, tutores e acadêmicos que buscam alcançar um objetivo em comum: a formação do conhecimento.

A construção do conhecimento em Artes Visuais abrange aspectos teóricos e práticos, bem como a iniciação científica de forma a contribuir para a formação do docente na área de Artes. Sendo assim, possibilita-se conhecer e atuar de forma significativa nas manifestações e espaços culturais, fomentando o potencial criativo dos indivíduos acerca dos processos visuais.

Dessa maneira, a percepção e a reflexão devem ser desenvolvidas para estimular os indivíduos a interagir e conhecer além de seu contexto outras manifestações e culturas, sensibilizando-os a ampliar sua leitura no campo visual. Neste sentido, a pesquisa torna-se uma ferramenta capaz de atuar como mediador, incentivador, visando o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo dentro das especificidades do pensamento visual.

De fato, os conhecimentos gerados no conjunto destas ações se voltam para o perfil de um profissional capaz de tomar decisões e refletir sobre sua prática e ação pedagógica, compreendendo valores políticos e éticos de modo a contribuir para a melhoria da Educação.

Essa publicação evidencia a importância de pesquisar, aprofundar os estudos, socializar os resultados e trocar ideias, para assim enriquecer o mundo acadêmico ampliando, dessa maneira, os conhecimentos. Afinal, o nome Maiêutica relembra o conceito socrático de que é preciso trazer as ideias à luz, fazer nascer o conhecimento, confirmando a dialética necessária da construção da sabedoria humana.

Convidamos você para a leitura dessa revista, para assim aspirar a cada um dos ensinamentos apresentados e, deste modo, continuar o processo de enriquecimento intelectual.

Prof.^a Vania Konell
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Prof.^a Francieli Stano Torres
Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância



SUMÁRIO

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Aline da Rocha Goulart

Vera Conceição Maria Fiabane

Vania Konell 7

CHICLETE NA BOCA E CRIATIVIDADE NA CABEÇA: trabalhando as esculturas de Maurizio Savini na disciplina de artes do Ensino Fundamental

Ana Beatriz Cargnin

Jádina de Farias Neves

Darlan Carlos Dias 15

DESENHOS ESTEREOTIPADOS: um mal necessário ou é necessário acabar com esse mal?

Aracely da Silva

Bárbara Milioli

Geraldo de Andrade Fagunde 21

ELEMENTOS VISUAIS

Juliana Natalina de Souza Martins

Wellington Tavares dos Santos

Elisiane Souza Saiber Lopes 25

ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Vera Lúcia Fernandes Faria

Daniel Reis

Vania Konell 35

FOTOGRAFIA: A história impressa em imagens

Miriam Aparecida da Rocha

Sabrina Aparecida Hille

Vania Konell 45

O DESENHO DA FIGURA HUMANA E O SEU DESENVOLVIMENTO EM SALA DE AULA

Tiago Maestri

Adriane Margareth Martin

Clara Aniele Schley 51

ARTES X TECNOLOGIA

Roberta Kologeski Carvalho

Viviane Kneib

Clara Aniele Schlei 57

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: buscando soluções através da motivação e criatividade

Lilian Estela Morastoni

Daniel Reis

Darlan Carlos Dias 67

A FOTOGRAFIA COMO AUXILIADORA E FONTE DE CONHECIMENTO

Vanessa Mulina

Aparecido Parente

Elisiane Souza Saiber Lopes 75

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Aline da Rocha Goulart

Tutora Externa: Vera Conceição Maria Fiabane

Professora: Vania Konell

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI
Licenciatura em Artes Visuais (ART0079) – Prática Módulo III
05/07/2012

RESUMO

O presente trabalho analisa as questões pertinentes ao processo de inclusão social e escolar, e aponta o ensino de artes como facilitador deste processo. Neste sentido, a educação inclusiva é o ponto de partida para uma reflexão mais humanizada e propõe uma educação de qualidade para todos, com aceitação, convivência e valorização das diferenças e escolhas individuais, assim como dos modos e tempos de aprendizagem dos sujeitos. Para que isso se efetive no cotidiano escolar, é necessário abandonar antigos paradigmas em prol de uma transformação conjunta de valores. Da mesma forma, este processo requer, além de esforço e talento por parte dos envolvidos no espaço escolar, compromisso político e ético de toda a sociedade. Dentro do âmbito educacional, a inclusão exige uma reorganização em todos os setores, uma série de adaptações que possibilitem o desenvolvimento das peculiaridades dos alunos com deficiência. No caso da arte, trata-se de um importante recurso pedagógico, uma forma única de conhecimento que proporciona a construção das relações sociais entre os educandos. Sob a ótica da inclusão, a arte deve ser vista como fator de complemento nas diversas formas de desenvolver aprendizagens ligadas a diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Arte. Educação. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho trata da importância da arte na Educação Inclusiva, e se fundamenta na ideia de que a diversidade é algo que está presente no âmago de qualquer tipo de sociedade. O principal objetivo de um estudo nesta linha é promover a reflexão acerca da diversidade e da inclusão social, a fim de despertar um novo olhar sobre as pessoas portadoras de deficiência. O processo de aceitação e valorização das diferenças tem como objetivo garantir a participação efetiva de todos os indivíduos em todas as instâncias sociais, independente de suas peculiaridades. O ideal inclusivo no campo educacional é de grande importância e requer uma reestruturação que vai desde

a mudança de atitudes até a adaptação de todo o aparato de ensino. Assim, a inclusão escolar surge para romper com o paradigma educacional existente em vista de uma nova visão, em que as pessoas com necessidades especiais passam a ser reconhecidas como cidadãs e aceitas na escola comum.

Inicialmente o trabalho aborda a questão do papel da arte na educação, isto é, a importância de trabalhar a arte no currículo escolar. Neste sentido, entende-se que a experimentação artística possibilita ao aluno uma experiência social, quando são levados a questionar a sua relação com o mundo e com o outro, levando em conta a perspectiva da inclusão. Em um segundo momento, se apresentam as

questões pertinentes à inclusão e seus desdobramentos na forma da educação inclusiva, quando devem ser oferecidas oportunidades educacionais a todos, sem exceção. A partir daí é possível compreender que, para que a inclusão escolar aconteça, são necessárias adaptações em todo o ambiente escolar para garantir a integração dos alunos portadores de deficiência. Por fim, o trabalho apresenta a prática docente do ensino de arte como facilitadora da inclusão escolar. Esta perspectiva ressalta a valorização da diversidade e acredita que as diferenças oportunizam novas formas de aprendizagem. Neste caso, a arte se torna o recurso pedagógico que transpõe o ideal inclusivo para o campo concreto e real.

2 ARTE E EDUCAÇÃO

Durante a sua evolução, o homem sempre trabalhou a questão do processo de ensino e da aprendizagem no campo da arte, porém os aspectos mais específicos que vêm tratar da educação escolar nesta área coincidem com as transformações educacionais ocorridas no século XX. A partir daí, o foco de atenção se deslocou da educação tradicional (centrada apenas na transmissão de conteúdos) para o processo de aprendizagem centrado no desenvolvimento do aluno, através de propostas que passaram a considerar a valorização da livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística. Neste sentido, muitas pesquisas contribuíram trazendo dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre o processo criador e sobre a arte de outras culturas. “Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança”. (BRASIL, 1997, p. 21).

Para avaliar a importância do

processo de ensino-aprendizagem em arte, primeiramente é preciso entender que a manifestação artística tem relações com o conhecimento científico, técnico e filosófico, devido ao seu caráter de criação e inovação. Em qualquer uma destas formas de conhecimento, o ato criador é o responsável por estruturar e organizar o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade que o cerca. Assim, tanto a ciência quanto a arte, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, e através dos sistemas filosóficos e éticos, formam um conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura; são, portanto, produtos que expressam as representações imaginárias dos homens durante o percurso da sua história (BRASIL, 1997).

A partir daí, é indispensável o entendimento de que a arte na educação deve ser tratada como uma forma de conhecimento, a partir do qual se estabelecem algumas relações sociais. Neste sentido, verifica-se que a arte propõe uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos, capazes de atuar na transformação da sociedade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 21).

O processo de ensino-aprendizagem em arte envolve os educandos em uma experiência social capaz de promover o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética. A partir daí, o aluno

exercita sua sensibilidade, sua percepção e imaginação, e com isto se torna apto a ordenar e dar sentido à sua experiência e vivência particulares. Da mesma forma, traz ao aluno a oportunidade de desenvolver capacidades como a coordenação visomotora, a organização pessoal, a cooperação e a comunicação. Além disso, desencadeia a vivência da sociabilidade, do respeito, da crítica, da autocrítica, da cooperação, do domínio próprio, do reconhecimento de princípios éticos, do autoconhecimento e da autoestima (PROSSER, 2003).

Outro enfoque sugere que a importância da arte na educação está vinculada ao fato desta ser uma facilitadora da inclusão social e escolar. A contextualização é uma ferramenta importante neste processo, pois permite ao aluno compreender os valores que se encontram enraizados nos modos de pensar e agir das demais culturas. De acordo com Santana (2004, p. 10), “[...] contextualizar significa apresentar de forma crítica a história do seu povo e a sua própria história, dando sentido ao que se aprende”. Sendo a arte fruto das relações socioculturais, a sua aprendizagem de forma integral “[...] possibilita que os alunos tenham contato com as diversas culturas e diversas linguagens artísticas, rompendo os preconceitos com classes sociais e étnicas”. (SANTANA, 2004, p. 11). Trabalhar a arte no ambiente escolar de forma contextualizada permite que se estabeleça um campo de significados para a valorização do que é próprio do indivíduo e também favorece a abertura do mesmo à diversidade. O aluno passa a compreender que na escola se pode conviver em harmonia com as diferenças, combatendo atitudes de discriminação, racismo e intolerância. Além disso, ele “[...] torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor”. (BRASIL, 1997, p. 19).

Finalmente, analisando os aspectos acima, fica claro que, assim como na escola, a arte também contribui para a formação global do educando. Ela sugere principalmente uma experiência social, a partir da qual o aluno tem contato com sentimentos mais humanos, democráticos e de igualdade. “Ela se entrelaça com os objetivos da Educação Inclusiva ao ter como meta desenvolver a autoestima, autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar, fazer julgamentos e um pensamento mais flexível”. (SANTANA, 2004, p. 10).

3 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Atualmente, a inclusão escolar e social é assunto permanente em todos os departamentos da Educação, tornando-se um tema desafiador para os profissionais que trabalham com pessoas portadoras de deficiências. Primeiramente, é necessário entender que a inclusão pressupõe, basicamente, uma mudança de velhas práticas em prol de novas formas de pensamento e de uma reorganização da realidade, tanto no ambiente social quanto no ambiente escolar. Neste último, a inclusão surge para romper com o paradigma educacional existente, inserindo cada vez mais as pessoas com deficiência na escola comum.

Do ponto de vista histórico, a valorização da igualdade entre os seres humanos é algo que vem se desenvolvendo no decorrer dos tempos e, assim, diversas fases foram superadas até o homem chegar ao processo de inclusão social. As ideias de integração apenas passaram a ser vivenciadas na década de 80 e somente nos anos 90 é que a proposta de inclusão ganhou força, exigindo uma reestruturação social para que os indivíduos com necessidades especiais pudessem ser inseridos em todas as áreas da sociedade em que vivem. No âmbito escolar, evidencia-se a importância das escolas formarem cidadãos e “[...] cresce a necessidade de se planejar programas

educacionais flexíveis que possam abranger a diversidade entre os alunos e que possam, ao mesmo tempo, oferecer os mesmos conteúdos curriculares do ensino regular, sem perda da qualidade do ensino e da aprendizagem”. (SANTANA, 2004, p. 7).

A Declaração de Salamanca¹ oficializa o conceito de “necessidades educacionais especiais” e propõe a inclusão escolar através do rompimento da estrutura curricular fechada e também a homogeneidade na escola. Ela apresenta a ideia de que a família e a sociedade devem adaptar-se às pessoas com deficiências, fazendo com que estas possam tomar suas próprias decisões com autonomia. Além disso, esta Declaração passa a incluir, além das crianças portadoras de deficiências, aquelas que vivem nas ruas, as que moram distantes, as que vivem em condições de extrema pobreza, as que estejam com dificuldades temporárias na escola, enfim, todas as que estão fora do ambiente escolar por algum motivo. Com isso, traz à educação um objetivo maior: de que todos os indivíduos sejam integrados em salas comuns, levando em conta as suas necessidades particulares (SANTANA, 2004). O mesmo documento aponta a importância de a escola construir um ambiente sadio, acolhedor e adaptado às necessidades de seus alunos, para que estes sejam cidadãos bem-sucedidos e capazes de atuar criticamente na sociedade. O Artigo 7 da mesma Declaração de Salamanca nos remete à seguinte afirmação:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível e independente de quaisquer dificuldades que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com as comunidades. Na verdade, existe uma continuidade de serviços e apoio proporcional

ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola. (ESPANHA, 1994 apud SANTANA, 2004, p. 8).

A partir deste momento, o conceito de escola inclusiva se torna visível, entendendo que “[...] é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”. Neste sentido, o aluno passa a ser sujeito de direito e o foco central de toda ação educacional, e a escola só poderá existir se estiver organizada para atender a cada um deles, independente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Da mesma forma, ela só será eficaz no processo de inclusão se puder contar com a participação consciente e responsável de todas as pessoas que compõem o cenário educacional, ou seja, gestores, professores, familiares e membros da comunidade à qual cada aluno pertence (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2011).

Na construção do processo de inclusão escolar também se faz necessária uma reformulação em todo o complexo educacional (adaptando materiais, métodos, estratégias, ambientes etc.), a fim de garantir a participação efetiva de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Parte desta reformulação é de responsabilidade do corpo docente e diz respeito às adaptações de conteúdo, métodos de ensino e organização didática, processos de avaliação e tempo adequado para a aprendizagem. A outra parte é de responsabilidade dos setores político-administrativos superiores e envolve adaptações de acesso ao currículo, de objetivos, dos conteúdos específicos, dos métodos didáticos, do sistema de avaliação, da organização etária e das peculiaridades temporais (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2011).

4 A PRÁTICA DOCENTE E A ARTE COMO FACILITADORA DA INCLUSÃO

Como foi visto anteriormente, para

que os objetivos da inclusão escolar sejam alcançados, a escola precisa ser organizada de forma a garantir que cada ação pedagógica resulte em uma contribuição para o processo de aprendizagem de seus alunos. Neste sentido, a prática inclusiva requer uma movimentação conjunta de todos os envolvidos, além de ações internas e externas. Trata-se de um novo paradigma, que surge amparado por algumas mudanças legais no âmbito educacional, como a homologação da LDB 9.394/96, que rege a educação no país.

No caso da educação inclusiva, há a necessidade de um currículo adaptado e funcional, ou seja, um currículo prático que se ajuste de forma adequada a cada aluno. Ele oferece à escola a possibilidade de trabalhar as inúmeras diversidades culturais, cognitivas, sociais e emocionais, por meio da alteração dos conteúdos, atividades, metodologias e formas de avaliação, para então atender às diferenças individuais de cada um. Os professores têm papel fundamental neste processo, que pode ser entendido através das palavras de Santana (2004, p. 9-10):

Cabe ao educador ser o criador de condições para que a educação aconteça, propiciando acontecimentos e espaços, assim como articulando o espaço e o tempo e permitindo ao educando a construção do sujeito, com iniciativa, responsabilidade e compromisso. A proposta inclusiva deve ser desafiadora e empolgar o educador. Dessa forma, este passa a ter a função de possibilitar que os alunos tenham acesso ao conhecimento e não somente à transmissão deste.

Do ponto de vista pedagógico, a arte incentiva o aluno a uma produção que não precisa de modelos preestabelecidos. Dessa forma, se torna uma ferramenta eficaz no processo de aprendizagem do aluno com deficiência, pois faz com que ele se apodere de sua vida, livre de preconceitos, tornando-se apto a pensar e agir de forma independente. “Outro ponto de entrelaçamento dos objetivos

da Arte com os da Educação Inclusiva está na possibilidade destes alunos, profissionais e famílias se tornarem mais sensíveis, acolhedores, solidários e afetivos, pois a Arte possibilitará a vivência concreta, contextualizada e real de tais sentimentos”. (SANTANA, 2004, p. 10).

Dentro desta perspectiva, a arte vai além do seu campo específico de atuação, pois funciona como um verdadeiro agente interdisciplinador, ao estar presente em todas as áreas curriculares. Através dela é possível trabalhar de forma contextualizada, relacionando a aprendizagem com uma rede gigantesca de conhecimentos e saberes. A multiplicidade do ensino de arte, aliada a uma visão concreta e contextualizada quanto à forma da sua aplicação, são aspectos de indiscutível importância para os alunos com deficiência, pois “[...] será por meio de vivências reais que estes terão a possibilidade de simbolizar e abstrair determinados conteúdos” (SANTANA, 2004, p. 10). Assim, a arte é um componente curricular indispensável na educação inclusiva, pois oportuniza o conhecimento de mundo e a efetivação da aprendizagem a partir da realidade de cada indivíduo, especialmente para aquele que não desenvolve a aprendizagem dos códigos formais da escrita – o que na sociedade letrada significa estar excluído.

Seguindo esta linha pedagógica, que aborda a arte nas suas diferentes linguagens, “[...] percebe-se o benefício de se potencializar os diferentes canais de percepção sensorial do educando, ampliando sua capacidade de aprendizagem, adaptação e percepção do mundo circundante” (SANTANA, 2004, p. 15). Para o aluno com deficiência, a possibilidade de se expressar através de determinada linguagem artística contribui significativamente para a ampliação da autoestima, além de influenciar no aprendizado das outras áreas do conhecimento. Assim, a partir do momento em que se coloca o conhecimento como objeto próximo à realidade do aluno e ao mesmo tempo acessível ao

seu universo, a aprendizagem se torna significativa e, conseqüentemente, eficaz. Sobre a construção de uma aprendizagem significativa e prazerosa dentro da educação inclusiva, valem as palavras de Gardner (apud SANTANA, 2004, p. 16):

Sobre as múltiplas inteligências, mesmo o portador de deficiência mental é capaz de apreender conteúdos complexos utilizando outros canais sensoriais que não aquele compreendido. Isto pelo simples fato do ser humano conter a possibilidade de se expressar e assimilar conteúdos diversos que se constroem no cérebro, formando o objeto a ser percebido, quando exercitadas as percepções auditivas, visuais, táteis, sinestésico-corporais e a capacidade de desenvolver relações intra e interpessoais, assim como a capacidade de transpor para objetos reais a experiência sensorial utilizando a inteligência pictórica.

Na busca por ações pedagógicas eficazes à prática inclusiva, se faz necessária uma oferta diversificada de experiências artísticas aos educandos com deficiência. Neste caso, é fundamental trabalhar as peculiaridades da linguagem de cada um, a fim de possibilitar a utilização de todos os canais sensoriais. Dessa forma, se enriquece o universo destes alunos e se favorece a sua expressão conforme o potencial que eles apresentam, e não considerando as limitações da sua deficiência. A diversificação das experiências artísticas na educação inclusiva se dá normalmente através das artes visuais, da dança, do teatro e da música.

As artes visuais envolvem a pintura, escultura, desenho, gravura, fotografia, cinema e imagens tecnológicas. Trata-se de um conhecimento estético-visual que mescla o fazer, o conhecer, o exprimir e o criar. Isto significa que, quando o sujeito com deficiência produz qualquer elemento dentro das artes visuais, ele está exercitando o seu sentir e o seu pensar. “Explorar instrumentos de trabalho, experimentar diferentes possibilidades de uso, descobrir novos resultados, faz com que

os sentidos sejam estimulados, ampliando as possibilidades de escolha do educando, que adquire autocontrole nas suas ações”. (SANTANA, 2004, p. 17).

Tanto a dança quanto o teatro proporcionam uma experiência bastante rica ao portador de deficiência, pois utilizam o corpo como instrumento de comunicação e expressão, permitindo assim que ele traduza em movimentos a sua noção de mundo. Tal experiência leva o educando à criação de signos corporais e significados, proporcionando a possibilidade de reorganizar sua relação com o próprio corpo, com o ambiente e com o mundo, além de desenvolver as habilidades motoras e a capacidade expressiva.

A música é uma linguagem sonora que utiliza elementos verbais e não verbais. Dentro da proposta inclusiva, ela está intimamente relacionada ao respeito pela singularidade de cada indivíduo. Por meio de diferentes sonoridades ela mobiliza sentimentos, afetividades, imaginação e expressividade. Além disso, através de releituras e criações musicais é possível trabalhar com as palavras, objetivando a verbalização do aluno com deficiência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as questões que envolvem a importância da arte para a educação inclusiva, pode-se concluir que, além de atuar como facilitadora do processo de aprendizagem, ela abre espaço para os indivíduos desenvolverem as relações sociais. Neste sentido, ela se mostra eficaz na formação da personalidade, e objetiva a construção de indivíduos críticos e transformadores da sua realidade. Também se constata que o ensino de arte como recurso pedagógico tem se mostrado uma ferramenta importante para envolver os alunos portadores de deficiência no contexto escolar, pois ela torna possível que o indivíduo participe ativamente de propostas

que desenvolvem suas potencialidades.

Ainda foi possível verificar que a construção de uma escola inclusiva precisa ter como ponto de partida um ideal inclusivo, o que significa garantir a qualidade de ensino a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade, além de explorar as potencialidades e necessidades. Tal fator implica transformações profundas no contexto educacional, envolvendo novas ideias, atitudes, espaços e a prática pedagógica. Finalmente, conclui-se que, para uma escola se tornar efetivamente inclusiva, é preciso contar com o comprometimento e a participação consciente de todos os envolvidos no cenário educacional: gestores, professores, familiares e a sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BRASIL – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DENARDI, Christiane. **A arte e a educação inclusiva**: construindo caminhos. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

FREITAS, Giuliano. **Arte e a educação inclusiva**. Disponível em: <<http://www.educador.brasilecola.com.br>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de artes**. Curitiba: IESDE, 2003.

SANTANA, Cláudia Gutierrez. **A arte e a educação inclusiva**: uma possibilidade real. Curitiba: IESDE, 2004.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da; NASCIMENTO, Luciana Monteiro do. **Educação inclusiva**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; DA SILVA, Everaldo. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Indaial: Uniasselvi, 2009.

CHICLETE NA BOCA E CRIATIVIDADE NA CABEÇA: trabalhando as esculturas de Maurizio Savini na disciplina de Artes do Ensino Fundamental

Ana Beatriz Carginin

Tutora Externa: Jádina de Farias Neves

Professor: Darlan Carlos Dias

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0027) – Prática do Módulo V

21/11/2012

RESUMO

Muito popular entre as crianças e adolescentes, o chiclete passou por várias transformações até chegar à goma que conhecemos hoje. O chiclete em sala de aula é um assunto que ainda gera muitas discussões entre o corpo docente das instituições educacionais, porque geralmente os professores não gostam. O presente trabalho traz uma proposta inversa à opinião destes professores, pois busca incluir o chiclete como um recurso pedagógico para as aulas de Artes no Ensino Fundamental, tomando como referência as obras do artista italiano Maurizio Savini. O artista criou uma série de esculturas incríveis com milhares de pedaços de chiclete mastigados. Para incluir o chiclete em sala de aula e trabalhar as esculturas de Maurizio Savini, escolheu-se uma turma piloto do quarto ano (antiga terceira série) do Ensino Fundamental. Os alunos passaram o restante da aula mastigando, rindo e produzindo suas obras de arte. Ao final da prática, os trabalhos foram expostos para serem fotografados. As fotografias tiradas das obras foram expostas para os demais membros do corpo docente, que tiveram reações diversas. Com a prática, os alunos perceberam que o chiclete nem sempre pode ser visto como algo abominável que deve ser evitado, e que, com muito entusiasmo e criatividade, é possível exercer e aprender um conteúdo.

Palavras-chave: Chiclete. Esculturas. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Chiclete, goma de mascar, pastilha elástica ou simplesmente chicle são nomes que definem o famoso doce que serve para ser mastigado e não engolido. Muito popular entre as crianças e adolescentes, este produto passou por várias transformações até chegar à goma que conhecemos, e, mesmo nos dias de hoje, sempre está surgindo um sabor e/ou formato diferente no mercado.

Existem algumas especulações sobre como foi inventado o chiclete, mas alguns historiadores acreditam que os índios da Guatemala mascavam uma resina extraída de uma árvore para estimular a produção de saliva durante suas longas caminhadas. A goma também era conhecida de alguns povos do México, como os maias, que a usavam para refrescar o hálito (A HISTÓRIA DO CHICLETE, 2012).

O chiclete tradicional é produzido

a partir do látex de uma árvore chamada chicle, um produto natural. Anos depois, foi inventado o chiclete a partir de uma goma sintética conhecida como poli-isobutileno, forma não vulcanizável da borracha butil (isopreno-isobutileno), utilizada na fabricação de câmaras de ar. Na receita do chiclete são adicionados açúcares, corantes e outros temperos, que são liberados no decorrer da mastigação, tornando-o palatável e consumível (CHICLETE, 2012).

Independentemente de como surgiu e de como é fabricado, o hábito de mascar chiclete é adotado por muitos. Contudo, seus componentes são objetos de estudo de inúmeros artigos científicos que abordam o lado negativo do consumo de chiclete, como, por exemplo, os problemas que o mesmo pode causar ao sistema digestório. Também existem ponderações quanto às situações e locais onde o chiclete pode ser consumido. Algumas pessoas consideram falta de educação mascar chiclete em eventos sociais, como reuniões e salas de aula.

O presente trabalho faz parte do exercício prático de graduação do Módulo V, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, pertencente ao Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). O mesmo busca fazer uma reflexão sobre o ato de mascar chiclete em sala de aula, bem como mostrar como ele pode se tornar um recurso para a prática pedagógica da disciplina de Artes do Ensino Fundamental, através de uma releitura das obras do artista italiano Maurizio Savini.

2 O CHICLETE NA SALA DE AULA E AS OBRAS DE MAURIZIO SAVINI

O chiclete em sala de aula é um assunto que ainda gera muitas discussões entre o corpo docente das instituições educacionais, porque geralmente os professores não gostam. De acordo com a geógrafa e professora Marli Vieira de Oliveira (2009), os problemas vão além das questões

relacionadas à saúde dentária, mandibular e estomacal. Ela enfatiza a preocupação com a higiene e as bizarras caras e caretas de quem não sabe mascar direito. Também comenta sobre fazer uso do chiclete para brincadeiras de mau gosto com os colegas, ou, ainda, produzir barulho ao estourar uma bola feita com o chiclete, gerando agitação e risos.

Muitos são os artigos científicos que focam o chiclete como “vilão” da saúde do sistema digestório. Por estes motivos, a proibição do chiclete em sala de aula, muitas vezes, está inclusa no Projeto Político-Pedagógico das escolas, e comumente é apresentada no primeiro dia de aula como uma regra para o aluno.

Todavia, o presente trabalho traz uma proposta inversa à opinião destes professores, pois busca incluir o chiclete como um recurso pedagógico para as aulas de Artes no Ensino Fundamental, tomando como referência as obras do artista italiano Maurizio Savini.

Primeiramente, o professor deve ter em mente que o chiclete não pode ser visto apenas como um confeito que estimula o surgimento de cárie, úlcera e gastrite. Ainda que existam muitas pesquisas que apontam o lado negativo da goma de mascar, existem igualmente muitos artigos que mostram seu lado benéfico. É possível observar, em artigos de *sites* e revistas, que o chiclete está incluso em muitos tratamentos contra o vício do fumo. Souza (2012) afirma no *site* Vila Equilíbrio que a guloseima pode também ser favorável para aliviar o estresse e suprir a vontade de ingerir doces calóricos.

Já Freitas et al. (2001) mencionam em sua pesquisa que os fatores que aumentam a produção de saliva e estimulam a mineralização dos dentes criam uma espécie de controle na produção de cárie:

A goma de mascar, mesmo contendo sacarose, aumenta a capacidade tampão da saliva devido ao aumento do fluxo

salivar, diminuindo assim o acúmulo de placa, mantendo os níveis do pH e, consequentemente, neutralizando os efeitos deletérios dos ácidos produzidos pela presença de carboidratos fermentáveis na alimentação. (FREITAS et al., 2001).

De todos os argumentos citados até então sobre o chiclete, sua utilização para a produção de obras de arte é, de longe, a mais fascinante. O artista italiano Maurizio Savini criou uma série de esculturas incríveis com milhares de pedaços de chiclete mastigado.

De acordo com sua biografia no *site* Roma Província Creativa (2012), o artista nasceu em Roma, onde estudou na Faculdade de Arquitetura da Universidade La Sapienza. A partir de 1989, Savini começou a frequentar o Atelier Gianni Dessì, e em 1992 realizou sua primeira exposição individual em Düsseldorf.

Com um vasto currículo, suas esculturas (Figura 1) chegam a ser vendidas por £ 40.000,00 cada. Para trabalhar, utiliza o auxílio de espátulas enquanto o chiclete ainda está quente, e conserva suas obras com formaldeído e antibiótico (KEITERIS, 2009).

FIGURA 1 – OBRAS DE MAURIZIO SAVINI



FONTE: KEITERIS, 2009.

Para incluir o chiclete em sala de aula e trabalhar as esculturas de Maurizio Savini, escolheu-se uma turma piloto do quarto ano (antiga terceira série) do Ensino Fundamental, pertencente à Escola de Educação Básica General Osvaldo Pinto da Veiga, situada no município de Capivari de Baixo, sul do Estado de Santa Catarina. A turma é caracterizada como sendo extremamente agitada e de difícil concentração, possuindo também alunos de caráter agressivo. A faixa etária dos alunos varia entre oito e 12 anos, e por possuir esta diferenciação de idade, tanto a professora regente quanto a professora de Artes apresentam dificuldades para expor o conteúdo de forma que atenda à exigência dos mais velhos e respeite a limitação dos mais novos. É preciso muito empenho e dedicação no planejamento das aulas.

A professora de Artes iniciou a prática com uma discussão sobre o conceito de escultura e os tipos de materiais que podem ser utilizados para a confecção da mesma. Enquanto eram apresentadas imagens impressas de esculturas feitas de barro, cimento, ferro e gelo, os alunos permaneciam ora dispersos ora indiferentes, mas quando foram mostradas as obras de Maurizio Savini, houve um silêncio atencioso.

Os alunos simplesmente ficaram fascinados pelas esculturas feitas com chicletes, e logo o silêncio deu lugar aos questionamentos. Eles queriam saber o passo a passo, se a escultura era oca ou maciça, se o artista mastigava o chiclete sozinho, se ele tinha cáries, e assim por diante.

Após o diálogo sobre as esculturas e todas as dúvidas esclarecidas, a professora distribuiu para cada aluno cinco chicletes, e solicitou que os chicletes deveriam ser mastigados até sair o açúcar. Também foi informado que um ambiente limpo é indispensável para exercer qualquer tipo de trabalho, por isso todas as embalagens deveriam ser jogadas na lixeira.

Os alunos ficaram afoitos! Uma, ou até mesmo duas balas eram consumidas às escondidas (em virtude do regulamento da escola que proíbe consumo de alimentos em horário de aula), mas nenhum professor, até então, havia levado chicletes para serem mascarados em sala.

Para que as obras confeccionadas não grudassem nas carteiras, a professora distribuiu também pedaços de papel-cartão na cor verde (para contrastar com o rosa do chiclete) cortados no formato de chiclete esmagado (Figura 2).

FIGURA 2 – ALUNO CONFECCIONANDO SUA OBRA COM CHICLETE



FONTE: A autora

Os alunos passaram o restante da aula mastigando, rindo e produzindo suas obras de arte. Ao final da prática, os trabalhos foram expostos para serem fotografados (Figura 3).

FIGURA 3 – TRABALHOS DOS ALUNOS COM O USO DE CHICLETES



FONTE: A autora

Tratando-se de um trabalho perecível, que poderia exalar cheiro e atrair formigas se exposto ao ambiente durante muito tempo, foi esclarecido que as obras não poderiam permanecer em sala de aula, e que os alunos poderiam levar para casa o trabalho, mostrar aos pais e depois descartá-lo.

Os alunos pareceram não se importar em descartar o trabalho depois de concluído, e muitos salientaram que o divertido foi mastigar o chiclete e mexer nele com as mãos.

Com esta prática, os alunos perceberam que o chiclete nem sempre pode ser visto como algo abominável que deve ser evitado. E que com muito entusiasmo e criatividade é possível exercer e aprender um conteúdo que, momentos atrás, consideravam enfadonho.

As fotografias tiradas das obras foram expostas para os demais membros do corpo docente, que tiveram reações diversas: alguns demonstraram “nojo”, porque possuíam aversão a chiclete; mas boa parte dos professores gostou da ideia e admirou o trabalho dos alunos.

3 CONCLUSÃO

O presente documento é resultado do trabalho prático do Módulo V, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). O trabalho teve como objetivo refletir sobre o consumo de chicletes em

sala de aula, bem como mostrar como ele pode se tornar um recurso para a prática pedagógica da disciplina de Artes do Ensino Fundamental.

Percebeu-se, no decorrer da pesquisa, que, apesar de mal visto por boa parte das instituições educacionais, o chiclete possui inúmeros artigos que comprovam seu lado benéfico. Temos como exemplo a inclusão do chiclete nos tratamentos contra o vício do fumo; o alívio que ele transmite contra o estresse; a diminuição da vontade de ingerir doces calóricos e a produção de saliva que estimula a mineralização dos dentes.

Estimular a utilização do chiclete em trabalhos inspirados nas obras de Maurizio Savini foi uma prática instrutiva e compensatória. Os alunos mostraram grande interesse na temática, bem como grande empenho e participação na atividade solicitada.

Com esta prática foi possível abranger as experiências na construção de conhecimentos, bem como trabalhar e valorizar a criatividade e o gosto pela técnica de modelagem através de um material nada comum.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA DO CHICLETE. In: **Portal São Francisco**. Artigo, 2012. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-chiclete/index.php>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

CHICLETE. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Artigo, 2012. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiclete>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

FREITAS, Renata Rodrigues de et al. Efeito da goma de mascar contendo sacarose e do dentifrício fluoretado na remineralização *in situ* de lesões de cárie artificiais. **Pesqui. Odontol. Bras.**, São Paulo, v. 15, n.

2, junho 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-74912001000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jul. 2012.

KEITERIS, Renato. Escultura: Maurizio Savini. In: **RK Renato Keiteris**. Artigo, 2009. Disponível em: <<http://www.renatokeiteris.com/index.php/2009/08/escultura-maurizio-savini/>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

SAVINI, Maurizio. In: **Roma Província Creativa**. Artigo, 2012. Disponível em: <<http://www.romaprovinciacreativa.it/network/creativi-network/maurizio-savini/>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

OLIVEIRA, Marli Vieira de. Mascar chiclete em sala de aula. In: **Geografia em foco**. Artigo, 2009. Disponível em: <<http://marlivieira.blogspot.com.br/2009/04/mascar-chiclete-em-sala-de-aula.html>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

SOUZA, Bianca de. Goma de mascar: vilão ou mocinho? In: **Vila Equilíbrio**. Artigo, 2012. Disponível em: <<http://vilamulher.terra.com.br/goma-de-mascar-vilao-ou-mocinho-11-1-70-602.html>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

DESENHOS ESTEREOTIPADOS: um mal necessário ou é necessário acabar com esse mal?

Aracely da Silva

Tutora Externa: Bárbara Milioli

Professor: Geraldo de Andrade Fagundes

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART 0096) – Prática do Módulo III

26/04/2013

RESUMO

É cena comum, na maioria das turmas dos anos iniciais, quando solicitado um desenho, os alunos afirmarem que não sabem desenhar, ou, quando o fazem, reproduzem modelos prontos, aqueles que têm na lembrança e que por longos anos observaram nos murais festivos e de datas comemorativas nas escolas. Numa visão negativa, os estereótipos nos desenhos trazem o empobrecimento da percepção e da imaginação da criança. Podem inibir sua necessidade expressiva, além de não estimularem os processos de criatividade e o desenvolvimento natural de suas potencialidades. O objetivo dessa pesquisa foi levar as pessoas a se questionarem e formarem uma opinião sobre os estereótipos das imagens usadas não só na escola, mas também nos diversos meios de comunicação visual. A pesquisa foi realizada por meio de estudo de material bibliográfico, incluindo o Caderno de Estudos da disciplina Leitura de Imagem. Ficou evidente, nos estudos, que o importante e o fundamental nesse processo é conduzir a recriação das imagens para que as crianças passem a ter em seu conteúdo percepção e criações próprias.

Palavras-chave: Estereótipos. Desenho. Visão negativa.

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, estudaremos os estereótipos nas imagens, seu surgimento pelo método da impressão e a sua continuação através de imagens escolares prontas, representando datas comemorativas nos murais escolares repletos delas e das quais lembraremos para o resto da vida, assim como na publicidade e na mídia, onde perfilam famílias felizes e corpos perfeitos.

As opiniões negativas estão em torno da estagnação da criatividade e da criação, pois os pais, alunos e professores perpetuam a ideia dos desenhos estereotipados, classificando-os como bonitinhos e fofos, não

havendo, em consequência, a criação, por parte das crianças, de desenhos próprios, perpetuando-se assim o uso da cópia, na segurança de que irá agradar.

No processo de desestereotipização acontece um estímulo à visão, uma releitura de imagem com impressão própria, formas de recriar e criar novos conceitos do mesmo tema e imagem.

Iniciamos o trabalho pela pesquisa sobre o assunto, levando à discussão o tema, com a escolha de referências bibliográficas a serem trabalhadas de forma a elucidar aos colegas o tema abordado nesse trabalho. Na prática, distribuímos folhas com modelos de

estereótipos de imagens usadas nas escolas, que foram lembrados nas histórias de vivência de cada um.

A pesquisa, portanto, foi feita através de estudo de material bibliográfico, incluindo o Caderno de Estudos da disciplina estudada no curso.

2 DESENHOS ESTEREOTIPADOS

É comum, ainda, encontrarmos nas escolas, nos anos iniciais, os desenhos típicos de datas comemorativas enfeitando os murais, por diversas vezes entregues prontos aos alunos para colorir. É prático repetir as mesmas atividades para turmas diferentes ou copiar algo pronto de um livro didático. Nesse processo existe uma preocupação excessiva com o ler e escrever e esquece-se de uma alfabetização muito importante para o desenvolvimento infantil, ou seja, a alfabetização visual. Estereótipo é a repetição de uma imagem, simples e esquematizada, que geralmente acompanha gerações, e é um hábito que acontece em várias culturas do mundo no ensino infantil.

A alfabetização visual também é muito importante, e por muitas vezes fica esquecida. De acordo com Barbosa (2009, p. 4):

Temos que alfabetizar para a leitura de imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

Estereótipo vem de estereotipia, do grego “stereós”, que quer dizer: igual, denso, inerte, constante, e de “typos”, que significa: sinal, molde, caricatura. Os desenhos estereotipados aparecem em muitos momentos e de forma constante nas escolas. Não sabemos quem os criou. O fato é que são utilizados com os alunos e esses

passam a tê-los em mente como reprodução, e por serem “bonitinhos”, as crianças acreditam que o estereótipo é um desenho mais lindo que aqueles que elas mesmas possam criar. E esse pensamento, por muitas vezes, é reforçado pelo adulto. Assim, a criança tem sua imaginação e visão inibidas, passando a falar “não sei desenhar”, ficando com medo de criar suas próprias imagens em relação ao tema (VARGAS, 2010).

Para perceber porque certos desenhos são denominados estereótipos, é preciso observar os fatos do ano 1.000, quando, na China, um tipógrafo chamado Pi Ching inventou um processo de impressão que veio a ser conhecido na Europa pelo nome de estereotipia. No processo, uma espécie de cera derretida conseguia fundir a página composta em uma placa inteiriça, obtendo assim uma fôrma da mesma página, o que possibilitava sucessivas reimpressões. Esse novo invento acelerou em muito o processo de impressão. A página fundida em placa dura funcionava como uma matriz e, ao ser adotada pelos europeus, no século XVIII, recebeu o nome de estereótipo ou clichê; foi quando estereotipia passou a ser a designação do novo processo tipográfico (VIANNA, 1995).

Para a naturalidade e criatividade na produção artística das crianças e adultos é importante que haja uma reeducação do ver e da forma de receber visualmente a diversidade de imagens prontas com que estamos em contato diariamente. Iniciando pela escola e seguindo por suas vidas diárias, na tentativa de uma mudança na maneira como armazenamos essas imagens, dessa forma e posteriormente, por meio de contato com outras obras, treinando o nosso olhar para uma releitura dessas mesmas imagens. Qualquer espectador, a exemplo de nosso aluno, tem contato visual com o mundo dos efeitos especiais chamativos e com a quantidade de informações que recebemos todos os dias, possuindo a falsa ideia de que isso tudo que é grandioso, fantasioso, é fruto de grandes produções, algo belíssimo,

confiável e autêntico. O que acontece é uma tentativa de despertar o interesse pela compra do “conhecimento-mercadoria”, e só se vende se as pessoas acreditam. Então se recria, nas imagens, algo que se deseja, um produto perfeito, que aparentemente supre todas as expectativas e necessidades e se torna um objeto de consumo idealizado (SANCHES; MATTOS, 2013).

É de extrema importância trabalhar com imagens em sala de aula e que estas causem diferentes sensações e reações. E que, ao perguntarmos às crianças sobre o que percebem ao visualizar e interpretar, possam elas ir além da expressão “gosto”, “não gosto”, “legal”, “bonita”; questionarmos sobre que sensação pode causar essa imagem, buscando diversas reações, como estranhamentos, discussões, espanto. De outra forma, seria recomendável que pensássemos por que escolher essa imagem, que poderá ou não transformar-se em encaminhamentos pedagógicos. Devemos nos questionar: o que nos leva a escolher determinadas imagens seria a data comemorativa que se aproxima? Por acreditarmos que “esboça” determinado conteúdo que devemos passar ao aluno? (DIEFENTHÄLER, s/d).

3 DESESTEREOTIPIZAÇÃO: UM PROCESSO POSSÍVEL

É difícil determinar que os estereótipos são negativos. As crianças adoram colorir e reproduzir, seus pais acham lindos e as professoras se sentem bem e têm praticidade em fazê-los. Porém, como educadores, precisamos perceber que isso de forma nenhuma estimula a criatividade das pessoas, das crianças. Devemos buscar elementos e imagens que nos estimulem a sair de nossa zona de conforto e nos encaminhem para a criação. Com a contínua cópia, vamos perdendo nossa identidade artística e a confiança na beleza de nossas próprias criações. Estereotipar, nesse sentido de

desenho pronto, significa simplificar, reduzir, pouca riqueza de detalhes (VIANNA, 1995).

Segundo Mèredieu (1974, p. 102-103), nos estereótipos usados na escola:

A comparação de desenhos efetuados na idade pré-escolar e de desenhos realizados depois da entrada na escola permite extrair alguns fatos: a escola impõe à criança a utilização de um repertório de signos gráficos devidamente classificados (flor, árvore, pássaro, casa, etc). O aparecimento deste código acarreta um empobrecimento tanto ao nível dos temas (incomparavelmente mais ricos, admiráveis e variados nos desenhos executados em casa) quanto ao nível formal. Esta redução torna os desenhos legíveis e comparáveis entre si, daí a possibilidade de classificá-los. O impacto social é ressaltado, pois, quando reforça e seleciona alguns tipos de grafismos julgados desejáveis e que se tornam mais comuns a todos. Tudo o que não entra nestes quadros torna-se anomalia, desvio, signo inquietante. Assim, a escola castra a criança de uma parte de si mesma.

A melhor forma de ensinar o olhar e aprender é fazer com que os aprendizes permaneçam em aberto para receber novas informações e acrescentar suas impressões. Esse processo de aprendizagem pode, então, igualmente, ser dito de reconstrução e desaprendizagem permanente. Tendo-se o aprender como experimentar novas visões e conhecimentos incessantemente, é fugir ao controle da repreensão e representação prontas. E para que isso seja possível, depende do professor estimular por meio de um leque possibilidades imagéticas na escola, para que, com este contato, abra-se a visão e a mente para as trocas e experimentações, criando-se assim crianças que criam e produzem suas próprias imagens. Desta forma estaremos, enquanto professores, por meio de um treino da releitura de imagem, formando alunos habilidosos no sentido criativo, crítico e criador, com seus próprios

estilos (DIEFENTHÄLER, s/d).

Na maioria dos adultos percebemos, em rascunhos ou desenhos próprios, certa impessoalidade, sempre iguais ou padronizados, em geral reproduzindo imagens que foram passadas desde a infância e já estão petrificadas no desenho dessas pessoas. Num processo de desestereotipação são usados alguns exercícios, em que a pessoa desenha várias vezes o mesmo desenho de formas diferentes, com o objetivo de levar as pessoas a abandonar esses desenhos recebidos e se expressar de uma forma mais pessoal e criativa (VIANNA, 1995).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dessa experiência e estudo, chega-se à conclusão de que estereótipos estão presentes não só nas fases iniciais de ensino, como durante toda a nossa vida, pelos comerciais em campanhas publicitárias onde se tem a imagem de mulheres perfeitas, cerveja, mães perfeitas, profissionais poderosas.

Os aspectos negativos das imagens estereotipadas acontecem na alienação e na falta de estímulo ao uso da criatividade, da criação de produções próprias, com novas visões daquela imagem, o que leva muitas vezes à estagnação.

Por outro lado, tem-se a possibilidade de mudar isso pela mudança na leitura de imagem e na releitura de muitas imagens, onde, ao observarmos uma obra pronta, ou desenho, a interpretamos pelo nosso olhar e impressões próprias.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois todos entenderam e formaram uma opinião sobre o tema abordado. E como sugestão para futuras questões relacionadas ao tema está a forma de apresentar os estereótipos, sempre colocando como um processo que fique

em aberto e ligado à releitura de imagem, estimulando novas visões dessas imagens com o uso da criatividade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DIEFENTHÄLER, Daniela Linck. **Provocações imagéticas: o professor como mediador de ações propositoras no ensino de arte na infância.** Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/329/386>>. Acesso em: 23 abr. 2013.
- MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil.** São Paulo: Cultrix, 1974.
- SANCHES, Ana Cláudia Neif; MATTOS, Maria de Fatima da Silva Costa Garcia. **A educação do olhar através da mídia.** Disponível em: <http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/7eraea/textos/txt_rp_a_educacao.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2013.
- VARGAS, Paula Regina de. **Eu não sei desenhar: vendo, conhecendo e recriando árvores.** 2010. Disponível em: <<http://ged.feevale.br/bibvirtual/Monografia/MonografiaPaulaVargas.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2013.
- VIANNA, Maria Letícia. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? **Revista Advir.** Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 5, abr. 1995.

ELEMENTOS VISUAIS

Juliana Natalina de Souza Martins

Tutor Externo: Welington Tavares dos Santos

Professor: Elisiane Souza Saiber Lopes

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0074) – Estágio II

15/06/2013

RESUMO

Por muito tempo, a matéria de Artes se constituiu em uma atividade escolar baseada estritamente no fazer gráfico/plástico do aluno, desvinculada, salvo raras exceções, da origem desta área do conhecimento, isto é, da arte em si. Aprendia-se arte sem ver arte, o que é o mesmo que aprender a ler sem ter acesso aos livros. No entanto, surgiram as ideias que deram corpo ao entendimento de que arte não é só expressão, mas é também conhecimento, é comportamento inteligente e também sensível, o que eliminou a dicotomia entre cognição e emoção e pavimentou o terreno para a circulação dos fundamentos de uma proposta de ensino da arte ancorada pela própria arte, em sua história, em sua apreciação e em seus fazeres. Esta proposta introduzida no Brasil por Ana Mae Barbosa, chamada, inicialmente, metodologia triangular e ora abordagem triangular, “ênfatisa a necessidade de organizar o ensino das Artes Visuais no inter-relacionamento entre três eixos: o fazer artístico do aluno, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica”, ou, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Arte, entre a produção do aluno, a fruição das obras e a reflexão. Foi a partir da abordagem triangular que o termo “leitura” incorporou-se ao vocabulário dos professores de arte, entendido como leitura de imagem, de obras, de objetos, ou de um elemento qualquer.

Palavras-chave: Elementos Visuais. Formas. Composição.

1 INTRODUÇÃO

Este projeto foi desenvolvido com o intuito de salientar o papel dos educadores e de valorizar cada vez mais o ensino da Arte, mostrando o quanto as Artes Visuais são importantes para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Desde o elemento mais simples, como o ponto ou a linha, até a percepção de cores e texturas com as mais diversas formas. Uma das mais fascinantes formas de perceber o mundo ainda continua sendo através da nossa visão.

Os elementos de arte são os componentes visuais que combinam entre si para formar qualquer trabalho de arte. Para

desenvolver uma compreensão mais completa da composição artística, deve-se examinar e utilizar os vários elementos de arte.

É neste fazer/refazer que está a alfabetização na linguagem dos elementos que constituem as produções artísticas, tais como as formas, linhas, cores, texturas, volume, movimento, equilíbrio etc., que fazem parte dos códigos da escrita plástica e que precisam ser explorados pela criança para que possam usá-los, compreendê-los e transformá-los, enriquecendo assim suas vivências. Este fazer criativo, que chamamos de alfabetização artística, abrange as técnicas de compor, desenhar, pintar, modelar em argila, a escultura, a gravura, as instalações

e tantas outras manifestações.

É fundamental que o ensino das Artes Visuais contemple aspectos relacionados com o fazer artístico dos alunos, suas técnicas e procedimentos, a apreciação da arte entendida como leitura das imagens e a contextualização histórica que situa a obra em seu tempo e espaço e costura as ligações com o cotidiano.

2 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema que escolhi para nortear o meu estágio foi “Elementos Visuais”. Os elementos visuais constituem a substância básica do que vemos.

Meu objetivo é o de reconhecer as linhas, formas e texturas desenvolvendo a percepção visual, e reconhecer as cores e suas aplicações desenvolvendo habilidade motora e percepção visual.

Uma das maneiras de se analisar uma obra visual consiste em decompô-la em seus elementos constituintes para compreender melhor o conjunto. Estes elementos podem ser classificados em: conceituais, visuais e relacionais.

Com base nestes conhecimentos podemos estudá-los sob o prisma da educação, dentro de um processo de ensino-aprendizagem. Com isso, os elementos visuais são tradicionalmente estudados pelos desenhos, pintura, gravura, escultura, enfim, sob o ângulo da visão, uma vez que cada uma dessas modalidades artísticas revela-se diferentemente no âmbito visual, mas todas se compõem de expressões e representações da vida.

Para tanto, o professor deve levar em consideração o contato que os alunos têm com o universo de visualidade do mundo contemporâneo, ou seja, deve pensar em

aulas que possibilitem o modo de observar, expressar e comunicar dos alunos.

O homem faz, cria e inventa formas em que se entendem melhor as manifestações artísticas visuais e, conseqüentemente, poderemos compreendê-las nas suas inserções culturais. Não existe dimensão de visualidade que não tenha suas raízes no mundo cultural. Desde os primeiros registros visuais do homem pré-histórico, até os últimos avanços tecnológicos, a expressão visual vem se ampliando no domínio das linguagens artísticas e através do próprio imaginário cultural.

Pensar nessa intermediação de fazer do cotidiano, do pensar, do construir em artes visuais, deve-se estudar os elementos de visualidade e algumas das modalidades compositivas que estão presentes na maioria das formas.

O conceito que temos de espaço está relacionado à nossa ambiência visual, isto é, quando observamos objetos, pessoas, pinturas, este processo é feito segundo mobilizações de experiências visuais já decodificadas. Quando a organização espacial resulta na integração simultânea entre duas dimensões (altura e largura) está diante da superfície. Logo, a superfície é um elemento plástico que se articula como plano, área ou pelas linhas de seus limites, cuja organização pode criar efeitos de maior ou menor movimento, tensão ou repouso. Outro aspecto a ser considerado é a possibilidade das áreas delimitadas possuírem cor, textura, luz e sombras próprias.

Dessa maneira verifica-se que é possível perceber a presença de elementos visuais na arte, no cotidiano, na natureza, onde se apresentam em várias situações, indicadas por movimentos (reais ou aparentes), direções, ritmos, contrastes, tensões, entre outras. É necessário vivenciar atividades práticas, nas quais se possa lidar diretamente com a linguagem visual para

saber expressar-se, comunicar-se, enfim, pensar visualmente.

Um dos compromissos do professor é adequar o seu trabalho para o desenvolvimento das expressões e percepções. Através desse trabalho se pode enriquecer as experiências de conhecimento artístico e estético, e isto se dá quando “elas são orientadas para observar, ver, ouvir, tocar, enfim perceber as coisas, a natureza e os objetos à sua volta. Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida”. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 56).

No campo da visualidade, o essencial é o desenvolvimento da visão, que faz conhecer as principais qualidades das coisas e discriminá-las. Mas, nem sempre o que se vê tem correspondência exata com o real. Por isso, Ferraz e Fusari (1993, p. 59) dizem que:

O ideal é que se trabalhe a observação e a análise, utilizando os aspectos físicos, intuitivos e o contato mais profundo com as formas e uma observação que procura envolver todos os ângulos visuais possíveis, investigando os objetos e fenômenos tanto com a visão como também com os demais sentidos.

Assim, é vista a importância de se trabalhar com os alunos a observação e a análise, usando-se o aspecto físico, pois através desta observação as crianças conseguem desenvolver suas percepções pessoais, principalmente para ampliar as suas leituras do mundo.

Se pretender trabalhar as linguagens visuais na escola, é preciso caracterizar quais conceitos são essenciais para integrá-los aos já conhecidos pelos alunos. Isto implica definir também os procedimentos e técnicas pedagógicas a serem utilizados nas atividades de ver apreciativamente e expressar prazerosa e ludicamente as formas visíveis.

A brincadeira também contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da linguagem, pois requer do aluno um determinado nível de desenvolvimento de comunicação verbal. Nas situações lúdicas, as crianças são instigadas a expressar suas vontades e suas intenções de forma compreensível. As necessidades de comunicação e de se fazer compreender impulsionam o exercício, o aperfeiçoamento e o desenvolvimento coerente da linguagem.

A brincadeira, atividade principal no período pré-escolar, caracteriza-se pelo predomínio da imaginação sobre a regra. No final do período pré-escolar, evolui para o predomínio da regra sobre a imaginação, transformando-se em jogo de regras. Transforma-se num espaço fértil para a aprendizagem e desenvolvimento de outras capacidades, fundamentais nesse estágio de desenvolvimento infantil.

Percebe-se um distanciamento entre o desejo do professor de ensinar arte e o interesse do aluno em aprender. Por esse motivo é de suma importância que professores do ensino infantil deem maior ênfase nas Artes Visuais e se preocupem de verdade com o aprendizado dos alunos, para que os educadores não cometam mais erros tradicionalistas, como tem ocorrido por muito tempo. A arte visual contribui na construção do conhecimento sensível do aluno, ajuda a trabalhar a coordenação motora e ajuda a ampliar suas leituras de mundo. Ela pode ser considerada uma expressão do universo cognitivo e afetivo de cada um, pois revela o que sentem e pensam.

A arte pode ser uma reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de maneira diferente e a reconstrói usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos.

Sabe-se que muita coisa mudou em relação à Arte Visual, mas ainda precisa melhorar, pois há muitos professores que

interpretam e ensinam a Arte como cópia – mera reprodução –, impedindo assim a criança de pensar e desenvolver a sua habilidade diante do desenho.

Contudo, a atuação do educador é fundamental no apoio ao processo, cuidando da condição de liberdade de expressão e sustentação da manifestação.

É importante entender a prática da releitura, pois há uma, por assim dizer, “confusão” no termo quando relacionado ao ensino da arte, e examinar os seus porquês de aplicação. O maior desafio, nesse sentido, pensar como fazer a leitura da imagem é um calo antigo que permanece. Por que a releitura proposta por Ana Mae Barbosa (1991), assimilada pela maioria dos educadores em arte, muitas vezes, reduz-se à cópia de obras de arte? Será que o equívoco vem de uma visão superficial da Abordagem Triangular?

Entender a questão da leitura da imagem no processo do despertar crítico, imaginativo, é, sem dúvida, de caráter inovadoramente rico para a educação de forma ampla. Trata-se da imagem apresentando seu poder para despertar memória e imaginação.

Desta feita, questionar o papel do arte-educador atual é mais do que sadio. O que o impulsiona? Criticar o ensino “conteudista”, ainda se mantendo o mesmo entendimento de criatividade como sinônimo de espontaneidade? Pois é só observar a prática comum nas escolas atuais para se perceber o império do “desenho livre” e a atuação de um profissional de educação artística relacionado ainda à prática de colorir, pintar, rabiscar e fazer “arte” para levar para casa nas datas comemorativas, como o Dia das Mães e afins.

Surpreendente e de uma coragem “modernista”, Ana Mae, diante dessa linha de raciocínio, traz à baila debates, leitura de

imagens em sala de aula, preparo do professor de arte e o uso consciente do processo da releitura. “Da televisão às artes plásticas, a sedução da imagem os assusta, porque não foram preparados para decodificá-la e usá-la em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos”. (BARBOSA, 1998, p. 138).

Então, o que é fazer uma RELEITURA? “Tornar a ler” ou “ler muitas vezes”, com o objetivo de compreender melhor algo, não se trata de copiar nada. O que cabe agora é perguntar outra coisa: o que é reler uma imagem? Ou ainda: por que ou para que fazer? O conceito primeiro estende-se à imagem também, sua leitura e melhor compreensão, seus contextos e mensagens.

Barbosa (1991) propõe a utilização de imagens como referencial para a produção artística, a leitura da obra de arte. Os termos “gramática visual” e sua “sintaxe” e a “alfabetização”, quando argumentados e explicados por Mae, trazem uma nova perspectiva. Ela diz que é preciso “alfabetizar para a leitura da imagem”; pois, assim, segundo ela, preparamos o aluno para a decodificação da gramática visual. Explica a opção pelo termo “leitura” em vez de “apreciação”; pois temia que se interpretasse o termo apreciação “como um mero deslumbramento que vai do arrepio ao suspiro romântico”.

Lamentável é perceber que a atividade artística e seu aprendizado ainda são mitificados. É preciso trazer ao conhecimento comum que a arte é meio de afirmação, de satisfação da necessidade de expressão e interação dos homens com a realidade e que a arte é trabalho criador humano e não de uma parcela privilegiada de ditos “especiais artistas”. É uma conquista de livres pensadores. (GAMA, 2012, p. 8).

Enfim, a imagem cumpre uma função. Ela instiga, inclina, comunica, e artistas, publicitários, jornalistas, *web designer* e tantos outros profissionais a utilizam para

vender, persuadir, falar... A imagem ocupa lugar de destaque como objeto e fonte de pesquisa para historiadores, sociólogos e educadores. Portanto, deve ser um direito assegurado o mais cedo possível esse conhecimento e compreensão consciente. (GAMA, 2012, p. 8-9).

Portanto, conclui-se que o papel dos educadores é de valorizar cada vez mais o ensino de Arte e mostrar o quanto as Artes Visuais são importantes para o aluno, principalmente nas fases iniciais, mas mantendo o mesmo empenho e qualidade no Ensino Médio.

3 VIVÊNCIA DO ESTÁGIO

3.1 A INSTITUIÇÃO

A Escola Estadual Professor Olavo del Claro está localizada no bairro São Braz, com população de 23.119 habitantes e renda mensal dos responsáveis pelos domicílios de 7,99 salários mínimos, com índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0.788. O bairro ocupa a 45ª posição na classificação geral dos 75 bairros do município.

A instituição se encontra bem estruturada, com amplo espaço físico. A área interna se divide em 11 salas, uma biblioteca, um laboratório de informática com 20 computadores, uma secretaria, uma diretoria, uma sala de equipe pedagógica, uma sala de recursos, uma sala de professores, uma sala para arquivos, um refeitório, uma cantina, uma despensa, um almoxarifado, um depósito, uma sala de vídeo, dois sanitários masculinos, dois sanitários femininos, dois sanitários para professores, um depósito para material de Educação Física, uma cancha coberta, um laboratório de biologia, física e química e ampla área livre.

Utilizam materiais pedagógicos, como televisão, em todas as salas de aula, quadro negro, giz. Possui computadores nos laboratórios de informática, biblioteca, sala

de pedagogia e diretoria. Possui materiais necessários para a Educação Física, como: bolas, redes etc.

A escola providencia materiais conforme as necessidades das aulas dos professores e possui sulfite, tesoura e cola à vontade para os alunos.

O corpo técnico-administrativo conta com uma diretora, uma diretora auxiliar, quatro pedagogas, 24 agentes educacionais e 40 professores. A maioria possui formação de Ensino Médio. Dos professores, 30 são concursados e quase todos têm formação em mestrado.

A professora regente do estágio, Professora Daniele, é formada pela Faculdade de Artes do Paraná por 40 cargas horárias, possui formação pelo Estado pelo PDE. Há 12 anos trabalha nessa escola, e tem 20 anos de carreira como professora.

Atua muito bem em sala, tem uma ótima disciplina com os alunos, interferindo somente quando necessário. Muito responsável e bem organizada, segue um planejamento anual que vem do Estado, faz seus planos de aula semanalmente e consegue concluir seus trabalhos a cada aula, sendo muito respeitada pelos alunos. Sempre utiliza como referência alguns artistas e trabalha bastante com recortes e colagens.

Algumas salas excedem o número de alunos; em outras, como não alcançam o limite, há bastante espaço físico para se trabalhar atividades, porém em sala a professora só trabalha dentro dos limites. Raramente faltam materiais pedagógicos e a professora trabalha pouco com materiais recicláveis, prefere utilizar materiais convencionais, como: cadernos, sulfite, cola, tesoura, lápis de cor, embora sempre com muita criatividade.

A escola possui 308 alunos, divididos nos turnos matutino, vespertino e noturno; o

último é só para Ensino Médio.

Na sala de aula que foi observada, estudam os alunos do 6º ano Fundamental 2. A sala possui 22 alunos, na faixa etária de 11 a 13 anos. Estima-se, pelo Projeto Político-Pedagógico da escola, que as famílias dessas crianças possuem uma renda familiar muito baixa. A maioria de baixa renda, não tem renda fixa. Algumas famílias possuem o programa Bolsa Família. Na sua maioria, os alunos são filhos de pessoas simples, oriundas de classe média baixa e classe baixa. São filhos de trabalhadores do comércio, prestadores de serviço e profissionais autônomos, pedreiros e pintores, lavadeiras e outros.

Alguns de famílias desestruturadas moram com os avós, dificultando a participação da família na escola.

O nível de escolaridade dos pais é baixo. A maioria possui apenas o Ensino Fundamental incompleto (1ª à 5ª série), o que também dificulta o acompanhamento na vida escolar do filho. A média é de dois ou três irmãos a cada aluno.

Grande parte é de religião católica e pratica algum tipo de lazer.

A escola incentiva os alunos com projetos de gincanas. Eles se divertem e ganham sempre algum objetivo de beneficiários de alguma forma, como: ganhar pontos na gincana quem mantém a escola limpa e outros.

3.2 ROTINA DA AULA

A aula foi iniciada com a professora colocando a sala primeiramente em ordem, em seguida ela iniciou sua aula lembrando o que haviam feito na aula anterior.

Logo após, a professora escreveu no quadro a data do dia e o título do conteúdo a ser trabalhado, que foi “pontilhismo”, usando como referência a obra “Uma Tarde de

Domingo na Grande Jatte”, do artista George Seurat.

Ela iniciou mostrando a obra do artista, explicou que ele foi pioneiro do movimento pontilhista e que ele adorava trabalhar com pontilhismo.

Explicou que aquela pintura foi executada em um lugar da França onde o pintor adorava pintar. Contextualizou a época em que foi feita a obra, através das roupas que aparecem na imagem, se era dia ou noite.

Enfatizou as cores da imagem, clima, enfim, fez uma leitura da imagem junto aos alunos para o contexto da aula.

Em seguida, a professora entregou aos alunos uma folha sulfite A4 com uma imagem parecida com a obra de George Seurat e pediu que eles trabalhassem a pintura usando o “pontilhismo”, ou seja, com pontinhos.

A professora mostrou no quadro como devem ser os pontinhos.

A sala colaborou, é muito disciplinada, não utilizam celulares no meio das atividades, não atrapalham os colegas. Trabalham nas atividades com bastante concentração.

A professora não gritou e conseguiu manter a sala muito calma o tempo todo. Todos trouxeram seus materiais, emprestaram pouco material escolar da professora ou dos colegas.

Por esse motivo, conseguem concluir seus trabalhos no final da aula com sucesso.

Em alguns alunos ainda se percebe a dificuldade em trabalhar com pontinhos, mas, independente da dificuldade, também concluíram as atividades.

A professora circulou o tempo todo

na sala, observando as atividades, dando atenção necessária individualmente a quem precisasse.

Minhas aulas de observação foram todas entre três salas do 6° ano. Em todas foram dados os mesmos conteúdos. Pude perceber que realmente a professora é bem disciplinada, todas as salas se comportaram igualmente. Algumas fizeram as atividades mais rapidamente que outras, ou então, menos dificuldade ou mais facilidade na atividade, algumas interagiram mais do que outras.

Em algumas salas, a professora complementou algumas atividades porque os alunos eram mais rápidos.

A professora finalizou o trabalho de pontilhismo com as crianças pedindo para que colassem a atividade no caderno de artes depois de pronto.

3.3 REGÊNCIA

Para iniciar minha primeira aula de estágio, dentro dos elementos visuais, levei uma obra do artista Waldemar Cordeiro, chamada “Movimento”, onde aparecem linhas paralelas coloridas transmitindo sensações de movimento. Assim, pude explicar sobre os diversos tipos de linhas, horizontal, vertical, diagonal etc. Fizemos a “leitura de imagem” estimulada pela percepção dos alunos e em seguida apliquei atividade com papéis coloridos, para que cada aluno pudesse, a partir de suas impressões, criar uma composição de formas e cores no caderno de artes.

O conteúdo foi assimilado satisfatoriamente, levando-se em conta a conclusão das atividades e os objetivos atingidos.

A “forma” foi o elemento que trabalhei na aula seguinte, lembrando a importância

da linha para a construção de uma forma dentro do conteúdo programado. O artista escolhido foi Wassily Kandinski. Fizemos também uma apreciação e contextualização de uma de suas obras, intitulada “Círculo”. Foram observadas todas as características, entre tamanhos e cores possíveis na obra. Mais uma vez, a aplicação prática se deu através da utilização de recortes de papéis coloridos, em diversos formatos, criando uma composição com colagem no caderno de artes.

Embora observasse que alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade ao recortar as formas (coordenação motora), todos concluíram a atividade com êxito.

Na aula seguinte trabalhei com as cores primárias, características, classificações etc. Foi uma exposição bem simples e de fácil entendimento, uma vez que lidamos com as cores desde os primeiros anos. Para isso ensinei os princípios da construção de um Tangram, posteriormente pintaram com as cores primárias e recortaram. A desconstrução e construção de uma nova composição de formas e cores foi o ponto áureo da aula, que finalizou com a colagem no caderno de artes.

Este mesmo processo foi repetido na penúltima aula, apenas utilizando as cores secundárias no lugar das primárias.

O objetivo foi alcançado com satisfação, pois todos conseguiram identificar e classificar as cores dentro do conteúdo aplicado.

Para finalizar meu estágio, na última aula falei sobre as cores quentes e frias, como se classificam, seus significados e o que elas representam. Utilizei para isso duas obras de Tarsila do Amaral, identificando nelas as sensações de calor e frio e suas diferenças. A “Lua”, onde predominam as cores frias e uma sensação de calma, e o “O Sol”, onde há predominância de cores quentes e nos remete à agitação e alegria. Depois de

contextualizadas as obras, a atividade foi conduzida com muita criatividade, onde os alunos retrataram duas situações do seu cotidiano. Uma estava representada com cores quentes e a outra com cores frias.

Assim pude concluir este último dia de aula com meus objetivos alcançados, pois mais uma vez os alunos participaram e absorveram muito bem os conteúdos e mostraram, em seus desenhos, que houve o entendimento do assunto.

4 IMPRESSÕES DO ESTÁGIO

As dificuldades que encontrei no processo, desde o planejamento até a execução das aulas, dentro e fora da sala de aula, serviram para que eu atingisse meus objetivos, pois é através dos problemas encontrados que a criatividade vem à tona para mostrarmos porque ser um “arte-educador” é tão importante.

Aprendi muito sobre disciplinar uma turma com a Professora Daniele, cuja metodologia pude assimilar e aproveitar. Procurei elaborar meus planos de aula com coerência e baseada em propostas sólidas e criativas como as de Ana Mae Barbosa, contextualizando, apreciando e praticando. Desconstruindo e construindo novamente, sob novos significados. Deixando o fazer artístico prevalecer.

Contudo, no decorrer do processo fui obrigada a fazer modificações nas aulas. A professora não compartilhou das minhas ideias, colocando empecilhos e dificuldades. Seu perfil é de uma pessoa autoritária e extremamente disciplinada, conduz a sala com muita rigidez e por isso deixa pouca abertura para as manifestações expressivas e instantâneas inerentes de uma turma criativa e espontânea.

Extremamente organizada e metódica, não me deu muita abertura para propostas

inovadoras e bem articuladas, tolhendo, por assim dizer, minha capacidade de voar mais alto e alcançar níveis mais satisfatórios de criação artística.

Fiquei muito decepcionada, pois tive que me conter e trabalhar em sintonia com a professora para não entrar em conflitos, isso apenas atrapalharia o meu desenvolvimento naquela turma. Nunca vi uma sala tão comportada, os alunos obedecem e respeitam a professora, que, apesar de organizada, leva para os alunos atividades estereotipadas, com pouco ou quase nenhum nível de criatividade.

Talvez a professora tenha adquirido esse comportamento com o passar dos anos e através da sua experiência. Ela se orgulha pelo controle total de sua turma, que atende aos mínimos gestos e feições que ela transmite. Mas, a que preço? Onde fica a atividade criadora? Rigidez militar impede a liberdade de agir, de pensar, de criticar, de expor seus sentimentos e emoções, e assim reprime toda e qualquer iniciativa artística.

Tive uma vontade muito grande de trabalhar com aqueles alunos, aproveitar o momento para deixá-los mais descontraídos, para ver o que iria acontecer. Lançar propostas e desafios estimulantes e interessantes, aguçar a sua percepção e deixá-los reconstruir suas experiências. Mas, infelizmente, fiquei com as mãos atadas e tive que usar minha criatividade e trabalhar o melhor possível dentro dos moldes “clássicos” e sem tempero da Professora Daniele.

Mesmo assim, continuo afirmando que foi uma experiência muito válida, pois me fez absorver novas regras e ultrapassar os obstáculos, construindo novos conceitos para a minha realidade. Nossa profissão não é uma viagem fácil, mas torna-se prazerosa se o observador puder aproveitar os momentos e usufruir das lições que aprendemos com o tempo.

Foi muito bom trabalhar com este conteúdo, “elementos visuais”, porque pude aplicar atividades que utilizaram a coordenação motora, a percepção visual, bem como as linhas, formas e cores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo, Cultrix, 1975.

_____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de arte**. Brasília, 1996.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. **Arte na Educação Escolar**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GAMA, Katinelli Mariana Siqueira. **O ensino da arte e da linguagem visual excluído pela ênfase à linguagem oral**. XXII CONFAEB ARTE/EDUCAÇÃO: Corpos em Trânsito. De 29 de outubro a 02 de novembro de 2012. Instituto de Artes/ Universidade Estadual Paulista, 2012. Disponível em: <<http://faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/435.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Loyola, 1984.

OSTROWER, F. A construção do olhar. In: NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Vera Lúcia Fernandes Faria

Tutor Externo: Daniel Reis

Professora: Vania Konell

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0073) – Prática do Módulo IV

14/12/12

RESUMO

A meta de qualquer docente é formar cidadãos críticos com sensibilidade para o belo. O objetivo deste trabalho é levantar questões sobre o posicionamento de professores de outras disciplinas com relação à disciplina de Artes. Também se faz necessário comentar sobre outras linguagens, como a Música, a Dança, o Teatro, na tentativa de possibilitar uma busca pela educação que se quer para o cidadão. Optou-se pela estratégia da metodologia de pesquisa documental acerca do tema em questão, sendo que os resultados obtidos neste estudo foram reflexões sobre quais ações oportunizam o aprendizado a outras disciplinas tendo esta como ponte. Também é necessário que haja reflexões sobre quais ações possibilitam a valorização da disciplina de Artes como ciência cognitiva.

Palavras-chave: Arte. Linguagens. Reflexões.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar a disciplina Arte no sistema de ensino no Brasil é complexo, devido à cultura arraigada historicamente que não dá a ela o status de ciência cognitiva, como outras das áreas de Humanas ou Exatas que constam na grade curricular das instituições de ensino no país.

Após a realização de uma atividade promovida pelo tutor externo do curso de Artes Visuais na modalidade a distância, pela Faculdade Metropolitana de Blumenau – FAMEBLU, sentiu-se a necessidade de pesquisar a respeito da importância do ensino e aprendizagem de Artes no sistema regular de ensino. Esta pesquisa tem como finalidade a desmistificação das ações que levam a comunidade em geral a acreditar que aulas de Artes são mero lazer e apenas entretenimento.

Propõe-se, por meio deste trabalho, sem que se esgotem as possibilidades, perceber o quanto a disciplina de Artes e as demais linguagens artísticas são importantes para o aprendizado do aluno, pois parte-se do pressuposto que todas as disciplinas se relacionam. Além disso, o aluno tem a possibilidade de conhecer obras de arte e artistas que, provavelmente, desconheceria, considerando alguns contextos socioculturais.

Para tanto, foram utilizados como instrumento para obtenção de dados a pesquisa documental, bibliográfica e virtual.

2 IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE

“A Arte é necessária a fim de que o homem possa conhecer e transformar o mundo. Mas é igualmente necessária em virtude da magia que lhe é inerente.” (FISHER, 1973, p.18).

Todo o conhecimento de mundo que nós, humanos, possuímos, baseia-se em nosso contexto e foi adquirido através da observação e dos sentimentos resultantes das ações que vivenciamos, afinal, antes mesmo de articular uma palavra, o humano já é capaz de sentir, intuir, imaginar, pensar. “A leitura do mundo precede a da palavra.” (FREIRE, 1991 apud BUENO, 2008, p.12). O que somos é devido ao que aprendemos e como aprendemos.

Quando observamos algo, todos os nossos sentidos (auditivo, olfativo, visual, tátil etc.) participam do ato. Nossos neurônios entram em atividade em diferentes áreas do cérebro simultaneamente; assim, quando olhamos, corremos, dançamos, batemos palmas, pintamos ou aprendemos, é nosso sistema nervoso que oferece o suporte necessário para que possamos realizar qualquer atividade. Os arquivos são levantados, abrem-se gavetas em nossa memória. Nosso cérebro faz conexões entre as informações que já existiam lá e as informações que acabam de chegar. À medida que é feita essa conexão, a informação é armazenada. A conexão fica mais forte cada vez que o processo é repetido, indo se instalar na área da memória de longo prazo e acaba se configurando como um conhecimento adquirido, “não se trata de memorização mecânica, e sim compreensiva, pois o aluno correlacionará o fato a conceitos e outros conteúdos a ele relacionados”, conforme nos apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais: arte (BRASIL, 1997, p.45).

Tudo se encontra relacionado, são os mecanismos do funcionamento do cérebro humano processando informações. Se várias áreas do cérebro entram em atividade juntas, nada mais lógico que relacionar por meio da Arte conteúdos de Matemática, História, Geografia, Política, Economia enfim, outras disciplinas. “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade para a associação, para compartilhar experiências

e ideias.” (FISCHER, 1973, p.11).

A Arte não está separada de nenhuma outra área do saber. “Nas artes também se aprende a arte do convívio. Valores como respeito, cooperação e tolerância também estão em jogo quando se ensina e se aprende Arte” (MENEZES, 2012). Mais adiante, o mesmo autor comenta que “História e Geografia, entre outras, também podem ser integradas à Arte. Afinal, fazer a maquete do bairro dá mais realidade ao mapa, assim como analisar uma cerâmica ou uma pintura traz o passado para a sala”. Assim:

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). (BRASIL, 1997, p.40)

Temos as tecnologias a nosso favor e isso gera a necessidade de uma educação que possa abranger mais possibilidades de aprendizagem. Essa “aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente”, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. (BRASIL, 1997, p.40).

3 COMO INSERIR A ARTE NO CONTEXTO DO ALUNO?

Se nos primórdios da humanidade a arte servia apenas como meio de comunicação entre os habitantes de uma sociedade, comunicação com os deuses ou para satisfazer as necessidades pessoais dos indivíduos, hoje ela é muito mais que isso. É a expressão mais profunda entre o homem e o mundo. A arte encontra-se inserida no cotidiano de todos nós e muitas vezes não a percebemos, pois não nos foi ensinado a vê-la ou percebê-la.

Atualmente, as informações nos chegam de maneira muito mais rápida e em maior quantidade, seja pela televisão, pela internet ou pela publicidade. Em geral, estão espalhadas pelas cidades, por meio de imagens ou cenários de um filme no cinema, teatro ou circo. Sem que saibamos, admiramos o trabalho e as técnicas de alguém que tem algum conhecimento artístico.

[...] A roupa, o calçado, seus adornos, a cadeira, o carro, etc., são alguns exemplos de produtos do desenho. Isto é notável, por exemplo, na Publicidade, que desde as embalagens de um produto alimentício aos grandes anúncios como banners e telões, são feitos por profissionais que trabalham conhecimentos específicos de História da Arte, Fotografia, Arte Computacional, cores, formas, enfim, vários conteúdos da Arte. Grande porcentagem das profissões está ligada direta ou indiretamente às Artes. Todas as atividades profissionais envolvidas com a imagem (cinema, publicidade, design, arquitetura, moda, etc.) são melhor desenvolvidas por pessoas que têm algum conhecimento em Arte. (RODRIGUES, 2010).

A Arte já está inserida na vida do educando sem que ele perceba. É necessário mostrar-lhe isto, ensinar-lhe a olhar, e não apenas a vê-la; identificá-la, compreendê-la e estabelecer relações entre ela e sua vida, pois a arte não está separada em classes ou padrões sociais. De acordo com Barbosa (2010, p. 36), “nosso mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através da imagem e 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente”.

O conhecimento não é composto por fatos isolados, por isso quanto mais relações puderem ser feitas com outros fatos, maior será a aprendizagem. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: arte: “o professor poderá reconhecer as possibilidades de interseção entre elas para o seu trabalho em sala de aula, assim como

com as demais disciplinas do currículo” (BRASIL, 1997, p.37).

Não existe a necessidade de o ensino de Arte ser linear, por isso a conexão entre as outras disciplinas torna-se mais fácil. Elaborar em cima de uma nova informação com base na informação que o aluno já possui torna o aprendizado mais prazeroso e eficaz. Neste sentido, buscam-se novas estratégias, em que todos, alunos e professores, saem ganhando em resultados.

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2010, p.4)

Por meio da conexão entre Arte, suas linguagens e outras disciplinas, o educando tem a possibilidade de tornar-se um cidadão com maior conhecimento do mundo em que vive e torna-se mais crítico à medida que lhe é permitido desenvolver seu raciocínio, fato, aliás, que não interessa aos governantes, pois uma sociedade onde os indivíduos sejam submissos ainda é o que lhes interessa. “O importante é que a escola possa ensinar arte com propostas que, além de ensinar variedade e profundidade nos conteúdos, ensinarão ao aluno prosseguir aprendendo por si – como aprender a pesquisar, por exemplo – que garantirão a ele aprender por toda a vida”. (BRASIL, 1997, p.44).

4 DESAFIOS PARA O PROFESSOR DE ARTE

A valorização da disciplina de Artes é fato através de documentos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, Lei Federal nº 9.394, em 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo 2 que “o ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica”

(BRASIL, 1996, p. 25).

Logo depois, vieram os Parâmetros Curriculares Nacionais, lançados pelo Ministério da Educação e Cultura, cujo objetivo é garantir a todas as crianças e jovens o direito de “usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania” (BRASIL, 1997). Também vale ressaltar a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que transformou as aulas de Artes de passatempo entre as atividades das outras disciplinas, em uma área de conhecimento. Para Barbosa (2010, p. 28), “a escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes do Brasil”. O método propõe três momentos: leitura de imagem, produção e reflexão como possibilidade de o aluno ler o mundo de forma mais ampla e sensível.

Há muita apropriação adequada da Proposta Triangular por professores de outras áreas. Como esta proposta não se baseia em conteúdos, mas em ações, é facilmente apropriada a diversos conteúdos. A Abordagem Triangular corresponde aos modos como se aprende, não é um modelo para o que se aprende. (BARBOSA, 2010, p. XXVII).

É de responsabilidade do professor, da coordenação pedagógica e do diretor da instituição ser os primeiros a modificar o olhar com relação ao ensino de Artes, fazendo com que toda a comunidade escolar, pais, alunos e outros funcionários, reflitam e compreendam a real importância do ensino e aprendizagem da disciplina em questão, mostrando que o ensino de Artes pode e deve ser articulado com outras disciplinas de maneira interdisciplinar, contribuindo, assim, para a formação global do aluno.

Cada uma das linguagens das Artes, como fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance etc., segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 38), pode ser “utilizada de modo particular e em várias

combinações entre imagens [...]”, conectando-se com as diversas disciplinas do contexto escolar e favorecendo o aprendizado.

A Arte pode contribuir com o desenvolvimento da autonomia, na formação de um indivíduo crítico, com maturidade política, social e intelectual, ou seja, promover uma educação emancipadora. Esta perspectiva deve se tornar meta para todo o profissional da educação.

O fazer artístico da Proposta Triangular de Barbosa conscientiza os alunos de suas capacidades criativas. No entanto, os professores e as aulas de Artes não devem visar à formação de artistas plásticos, nem deixar com que os alunos mais interessados criem essa expectativa, mas devem “buscar ampliar o conhecimento e sensibilidade dos alunos tornando-os indivíduos criativos e dinâmicos inseridos no contexto da sociedade.” (COLETO, 2010, p. 137).

O conteúdo a ser ensinado deve ter conexões com o contexto social do aluno. A repetição é fator de desmotivação, então é necessário buscar novos meios, como, por exemplo, mostrá-la em contextos diferentes, espaçar o tempo para mais tarde trazê-las à tona. Deve ser desafiante e interessante, tanto para o aluno quanto para o professor. E o professor deve estar disposto a ensinar e não fazê-lo por obrigação, apenas por constar no currículo de ensino. Ao invés disso, “os conteúdos poderão ser trabalhados em qualquer ordem, segundo decisão do professor, em conformidade com o desenho curricular de sua equipe” (BRASIL, 1997, p. 36).

5 ARTES E ALGUMAS DE SUAS LINGUAGENS

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 47), no que se refere à disciplina de Artes, são componentes curriculares a Dança, a Música, o Teatro e as Artes Visuais e por meio delas:

O aluno poderá desenvolver seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais como para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

Sendo importante que:

Os alunos compreendam o sentido do fazer artístico, ou seja, entendam que suas experiências de desenhar, cantar, dançar, filmar, videografar ou dramatizar não são atividades que visam a distraí-los da 'seriedade' das outras áreas. Sabe-se que, ao fazer e conhecer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (BRASIL, 1997, p. 43).

5.1 MÚSICA

Segundo Kandler (2011, p. 4), "a música na Pré-história teria surgido da observação dos sons da natureza e, possivelmente, da necessidade de comunicação e expressão, não se configurando como produção artística, a princípio."

O humano usa a música quando está triste e quando está alegre, em diferentes momentos, como em festas ou até em funerais. Já foi usada para a preparação para a guerra. Ainda é usada em comunidades pelo mundo afora em atividades domésticas, ao lavar roupas nos riachos, por exemplo. Religiosa, profana, folclórica, moderna ou erudita, de alguma forma ela se apresenta entre os jovens. Nesta perspectiva:

A música ajuda no reconhecimento de culturas juvenis que se destacam de outras através de determinadas preferências musicais; informa sobre novos estilos de vida, modas, formas de conduta, etc.; serve de estímulos para sonhos e anseios próprios; constrói identidades; possibilita a identificação

com artistas; desafia para a ação, bem como oferece a possibilidade de isolamento do cotidiano, o que se torna possível, por exemplo, pelo uso de fones de ouvido. A maioria dos jovens necessita da música não apenas como fundo musical, mas como elemento do cotidiano vivido, do qual ela não pode ser separada. Temas escolares, e também as diversões, tornam-se difíceis e quase impossíveis de serem realizadas sem fundo musical. Se antes a música 'distraía' os alunos das tarefas escolares, agora parece ter-se transformado no oposto: a disposição e a capacidade de concentração são favorecidas com o som que acompanha as tarefas. (SOUZA, 2009. p.9).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, através da Lei nº 11.769 torna componente curricular obrigatório o ensino de música em todas as escolas de educação básica no Brasil, segundo Kandler (2011). E muito embora não exista número suficiente de licenciados para que haja um ensino efetivo da disciplina, ela adentra pelo pátio da escola indo parar nas salas de aula através de celulares e seus fones de ouvido.

A música entra na escola pela porta da frente, ou seja, é levada pelo aluno através de mídias de comunicação como o celular, *iPods*, computadores etc. A escola deve incorporar essas tecnologias a seu favor e em benefício do aluno.

Se essa incorporação não se fizer, a escola se tornará cada vez mais ultrapassada, portanto, menos atrativa a todos os alunos. O resultado disso pode ser a evasão escolar; a sociedade culpando o sistema educacional e principalmente culpando os professores, os governantes culpando a sociedade omissa e as esferas internacionais criticando o baixo rendimento escolar nacional.

5.2 DANÇA

Tanto quanto a música, a dança era usada pelo homem pré-histórico. De acordo com Barreto (2008), a dança como ritual,

lazer ou linguagem, está presente em todas as culturas, acompanhando a evolução delas.

Nossa legislação visualiza a dança no contexto escolar da seguinte maneira, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p.58):

A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança é também uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas. Como atividade lúdica, a dança permite a experimentação e a criação, no exercício da espontaneidade. Contribui também para o desenvolvimento da criança no que se refere à consciência e à construção de sua imagem corporal, aspectos que são fundamentais para seu crescimento individual e sua consciência social.

Para Barreto (2008, p. 22), “a dança e a arte em geral propõem perspectivas estéticas de conhecer, pois, dançando, o sujeito também compreende e percebe o mundo, a si próprio e as pessoas ao seu redor, através da experiência do *fazer artístico*” (grifo da autora).

Ainda segundo Barreto (2008, p.119),

Os PCN indicam que a dança, como atividade rítmica e expressiva, é conteúdo da Educação Física, e as atividades a serem trabalhadas são as danças brasileiras, urbanas e eruditas, as danças e coreografias associadas a manifestações musicais, brincadeiras de roda e cirandas. Os PCN indicam que o bloco da dança deve ser articulado ao dos conteúdos do corpo e ao do esporte, lutas e ginásticas.

A dança, a música e as outras manifestações artísticas estão presentes em nosso cotidiano. O aluno leva para dentro da escola sua experiência na dança e a escola não pode deixar de incorporar as possibilidades de ensino e aprendizagem através dela.

As possibilidades metodológicas e as estratégias de ensino são imensas e podem ser aplicadas em improvisação, ritmo, aprendizagem sobre seu corpo, sobre o espaço, sobre o corpo e o espaço do outro. Aqui também se vê a aprendizagem e/ou exercício em relação ao respeito com o semelhante.

Assim, com o ensino da dança:

busca-se que o aluno conheça as possibilidades de movimento humano e possa fazer/criar movimentos/danças próprios de acordo com suas escolhas pessoais, respeitando e compreendendo seus limites/possibilidades físicas, emocionais e intelectuais. (BRASIL, 1997, p.77).

Enfim, é mais uma possibilidade de expressar sentimentos. É a arte propiciando o crescimento total do indivíduo.

5.3 TEATRO

O teatro surgiu na Grécia, no século VI a. C., em homenagem ao deus Dionísio. Estas festas eram rituais de agradecimento pela colheita da uva na região, segundo Lindomar (s/d).

No Brasil, a arte do teatro veio como instrumento de catequização dos índios no século XVI, quando o país ainda era colônia de Portugal. Seu caráter era pedagógico e baseava-se na Bíblia. Os jesuítas:

Encontraram nas tribos brasileiras uma inclinação natural para a música, a dança e a oratória. Ou seja: tendências positivas para o desenvolvimento do teatro, que passou a ser usado como instrumento de ‘civilização’ e de educação religiosa, além de diversão. O teatro, pelo ‘fascínio’ da imagem representativa, era muito mais eficaz do que um sermão, por exemplo. (HISTÓRIA DO TEATRO NO BRASIL, 2013).

Em meados do século XIX, através de vários ícones nacionais, como Martins Pena, o teatro se transforma e passa a ser além de

diversão, objeto de estudo. (HISTÓRIA DO TEATRO NO BRASIL, s/d).

No contexto escolar, através das dramatizações, podemos elencar objetivos, segundo Kormann (1997), tais como o desenvolvimento da observação, da imaginação, da sensibilidade, da criatividade, da criticidade e da sociabilidade, oportunizando a aquisição de hábitos para estimular a apreciação de obras literárias.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 88),

O teatro promove oportunidades para que adolescentes e adultos conheçam, observem e confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, operando com um modo coletivo de produção de arte. Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano.

O teatro é uma das mais produtivas linguagens das Artes, pois, em sua produção, diferentes áreas se envolvem: criação do texto, compreensão e debate do texto, estudo e criação de personagens, criação das roupas e adereços que irão compor os personagens, elaboração de cenários, iluminação e a isso se relacionam os cálculos, a física, a química, a história, a geografia, a sociologia etc. Segundo Kormann (1997), esta é mais uma forma pela qual podemos, dentro de sala de aula, viabilizar o ensino e a aprendizagem. Dramatizações envolvem todos os sentidos, e, por meio disso, mais uma vez, o cérebro faz conexões com vivências anteriormente experimentadas, o que torna mais fácil a apreensão do conhecimento.

5.4 ARTES VISUAIS

“Durante toda a história da arte, vemos manifestações através da pintura, sem excluir um período ou movimento sequer. Desde as civilizações mais simples às mais ricas e poderosas, a pintura fez parte da história de

cada uma”. (BUENO, 2008, p. 75).

Nas Artes Visuais, não apenas a pintura deve ser trabalhada em sala de aula, pois atualmente as informações nos chegam de maneira muito mais rápida, em maior quantidade e por vários meios. Tão logo a informação nos chega, é substituída por outra e assim por diante. Por isso, não percebemos a arte contida nela.

Outro fator é que não estamos habituados a ver as imagens com olhar crítico. E não estamos habituados a fazê-lo porque não nos foi ensinado a olhar. Não por culpa dos professores que, por ventura, tenham passado em nossas vidas, mas sim, devido a políticas públicas adotadas anteriormente no país e que ainda hoje não dão à disciplina de Artes o valor que lhe é devido.

Essa realidade tem que ser mudada. Segundo Barbosa (2010, p. 36), “preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara para o entendimento da imagem quer seja arte ou não.” Temos que ensinar nosso aluno a ver mais do que a imagem nos mostra. Ele deve saber fazer conexões entre as imagens retiradas da História da Arte e seu próprio contexto social, utilizando-se de fotos em revistas, jornais, televisão etc.

Afirma Kerry Freedan (2003) que os professores devem compreender que a melhor maneira de trabalhar com as artes visuais é conhecendo as diferentes culturas, fazendo conexões com elas. Nossos alunos têm acesso diário à mídia, à televisão, bem como aos jogos de computadores e ao cinema; e todos esses meios devem ser aproveitados, pois fazem parte da cultura visual dos educandos. Além do mais, nossos alunos não fazem ideia [sic] de que tudo o que eles veem atrás da tela é irreal. Todas as cenas produzidas em um filme, por exemplo, só podem ser realizadas por causa do trabalho de muitos profissionais, incluindo inúmeros artistas, como desenhistas, escultores, fotógrafos, cineastas, entre outros. (BUENO, 2008, p. 99).

É preciso conhecer os conceitos, elementos, os diversos materiais usados para fazer arte nas diferentes épocas para que se possa apreciar a arte e produzi-la a partir da aprendizagem adquirida utilizando-se do material disponível no momento. Assim, o aluno perceberá que é possível fazer Arte, pois esta é expressão de sentimentos. Saberá que apreciar e fazer Arte não se destina à classe social mais alta. Arte é para todos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve um tempo em que não existiam escolas. O aprendizado se dava pelo convívio, observação e a ação. As escolas foram criadas conforme a necessidade das sociedades.

Aprender significa adquirir conhecimento sobre o mundo. Compreender é muito mais que aprender, pois é mais reflexivo.

Quando se observa, estamos agindo e essa ação faz com que várias áreas de nosso cérebro trabalhem juntas, formando uma rede de informações interligadas que, ao final, nos possibilitará compreender uma ampla quantidade de informações. Assim, o ensino da Arte pode potencializar o funcionamento do cérebro. É um exercício para que ele faça as relações entre um conteúdo e outro dessa ou daquela disciplina. Para que haja a efetivação do aprendizado, é importante conhecer a linguagem e, para que isso ocorra, é necessário conhecer seus códigos. Assim, estar em contínuo aprendizado, a reflexão e a discussão são fundamentais.

Portanto, as aulas de Artes têm a finalidade muito maior do que apenas despertar as potencialidades dos alunos. Somos constituídos historicamente, nada mais justo que conhecer através de fontes diversificadas o passado e tentar transformar nosso presente. Quanto mais informações tivermos sobre uma imagem, mais subsídios

teremos para relacioná-la a conteúdos de outras disciplinas. Relacionando-as, torna-se mais fácil a compreensão.

As tecnologias estão aí e é imprescindível fazer o uso delas corretamente. É preciso ensinar ao aluno a pesquisa e fazer com que as informações que chegam sejam transformadas em conhecimento. Precisamos usá-las para o encantamento, em benefício de nossos alunos e de nós mesmos.

Os profissionais ensinam a disciplina na qual se licenciaram da mesma maneira como esta lhes foi ensinada. Muitos professores utilizam-se ainda do papel para colorir um desenho que depois será exposto no pátio da escola. Por maiores que sejam os números de cursos de capacitação, poucos desses profissionais tentam mudar essa maneira arcaica de ensinar. Vários são os motivos, que podem ser o medo da não aceitação dos colegas, acomodação ao sistema etc. Eles mesmos, sem o saber, desvalorizam a disciplina.

O objetivo não é, nem pode ser, o de formar músicos, artistas plásticos, dançarinos, atores, fotógrafos etc., e sim fazer com que os alunos tenham a oportunidade e o privilégio de vivenciar Arte, bem como aprender a ver sua existência transformada em arte.

Se o artista cria sua obra como uma crítica à política ou a qualquer outro setor da sociedade, que esse nosso aluno possa compreender a crítica e apreender dela algo que faça somar conhecimento.

Se nas plásticas o material é tinta, pincel, barro, pedra; em música, o material é sonoro; na dança, o movimento, todos eles podem ser experimentados por algum, ou por todos os órgãos de nossos sentidos. É o cérebro fazendo as inferências.

Mostrar o valor da Arte enquanto área do conhecimento, que pode contribuir com o aprendizado das outras disciplinas,

aos colegas de profissão e aos alunos, é tarefa árdua para o professor. Fazê-los compreender que Arte não é para decorar a escola em dias de festa torna-se cansativo, mas recompensador quando se observa o resultado do esforço ao final de um ano letivo.

Necessitamos de união, bom senso, pesquisa e muita ação para podermos desenvolver em nós, no corpo docente, na comunidade e nos alunos o desejo de aprender sempre, conectados e receptivos à atualidade, sabendo que não haverá desenvolvimento de uma cultura sem que haja o desenvolvimento dos saberes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**: anos 1980 e novos tempos. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARRETO, Débora. **Dança**: ensino, sentidos e possibilidades na escola. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BRASIL. Lei Nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/Sesu/index.php?option=vview&id=773&Itemid306>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN -Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio): Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2012.

BUENO, L. E. B. **Linguagem das Artes Visuais**. Curitiba: IBPEX, 2008.

COLETO, Daniela Cristina. A Importância da Arte para a Formação da Criança. **Revista Conteúdo**, Capivari, v1, n.3, p. 137-152, jan./jul. 2010.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Lisboa: Ulisseia, 1973.

HISTÓRIA DO TEATRO NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.baraoemfoco.com.br/barao/portal/cultura/teatro/tatrobr.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

KANDLER, Maira Ana. **Educação Musical**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

KORMANN, Edith. **O teatro na educação artística**. Blumenau: Heck Publicações, 1997.

LINDOMAR, prof.º. **História do Teatro**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/historia-do-teatro>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

MENEZES, Luis Carlos de. O convívio nas artes e as artes no convívio. **Revista Nova Escola**, Ano XXVII, nº 251, Abril. 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestão-escolar/convívio-artes-convivio-683561.shtm>>. Acesso em: 20 set. 2012.

RODRIGUES, Carolina. **A Importância do Ensino de Arte na Formação Humana** - Parte II, 18 de abril de 2010. Disponível em <<http://www.e-familynet.com/artigos/articles.php?article=2174>>. Acesso em: 9 set. 2012.

SOUZA, Jusamara (Org.). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. (Coleção Músicas). 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FOTOGRAFIA: A história impressa em imagens

Sabrina Aparecida Hille

Tutora Externa: Miriam Aparecida da Rocha

Professora: Vania Konell

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0072) – Prática do Módulo V

25/05/13

RESUMO

Desde a pré-história, o homem deixa suas impressões do mundo por meio de imagens gravadas nas paredes das cavernas. Com o passar dos anos, a forma de expressar essas ideias foi se aperfeiçoando até chegarmos à fotografia. Atualmente, graças à técnica da fotografia, a história da humanidade e o dia a dia da sociedade são contados por meio das imagens impressas em livros, jornais e revistas, denominadas fotojornalismo e fotodocumentário.

Palavras-chave: Fotografia. Fotojornalismo. Fotodocumentário.

1 INTRODUÇÃO

Desenhos e pinturas de homens, crianças, animais e impressões da palma da mão são imagens das manifestações e ideias do homem da pré-história. Com o passar dos anos, os métodos de gravar e registrar fatos foram se aperfeiçoando, até chegarmos à fotografia, sendo este o método que mais se aproxima do concreto.

A fotografia tem o poder de registrar momentos importantes, podendo emocionar, indignar e mostrar todo um contexto social de um determinado período e, dessa forma, por meio dela, gravar todos estes fatos, como possibilidade de garantir a veracidade da história.

Neste sentido, a fotografia pode ser usada pelo jornalismo como proposta que completa um texto, podendo a fotografia contribuir com suas imagens para um melhor entendimento da notícia. Nas revistas, ela revela a vida dos famosos, e na publicidade, a

fotografia pretende vender o produto. Assim, é perceptível que os meios de comunicação, como, por exemplo, a televisão e o cinema, só foram possíveis graças aos avanços tecnológicos da fotografia.

Hoje, não se pode imaginar um jornal sem fotos, uma revista sem imagens dos personagens ou um livro de história sem os momentos registrados. A fotografia pode ser considerada como comunicação visual, tornando-a, em certos momentos, mais importante e com mais informação do que as palavras escritas. Esta pesquisa mostra que a fotografia pode fazer parte de dois gêneros: fotojornalismo e fotodocumentário.

2 FOTOGRAFIA E A HISTÓRIA

Desde os tempos das cavernas, o homem deixa suas impressões do mundo a sua volta através de imagens. Com o passar dos anos, a forma de expressar essas ideias foram se aperfeiçoando até chegarmos à fotografia.

A criação e invenção da fotografia passa por diferentes estágios de experiências. As primeiras experiências em fotografia, segundo Kochanski e Lopes (2012, p. 130) “utilizando produtos químicos capazes de registrar as imagens sem ter que desenhá-las a mão foram no século XVIII. Os primeiros produtos químicos utilizados foram os sais de prata, cloretos, iodatos e brometos”. E a primeira fotografia, segundo Kochanski e Lopes (2012, p. 131) surge “somente no início do século XIX, pelo litógrafo e inventor francês Nicéphore Niépce, com seu irmão Claude, conseguiram realizar uma imagem em câmera escura, utilizando papel sensibilizado com cloreto de prata”. A partir dessas primeiras experiências fotográficas, surgem novas possibilidades de captar imagens. Para Kochanski e Lopes (2012, p. 131-132):

Os tons ficavam invertidos e somente em 1826 é que ele conseguiu provas positivas, utilizando uma substância à base de verniz de asfalto que, aplicada sobre o vidro, endurecia e associada a uma mistura de óleos fixava a imagem. Mas esse sistema heliográfico ainda não era o mais adequado para a fotografia, pois não reduzia a duração da exposição necessária à obtenção de imagens. Em 1827, Niépce associa-se a Louis Daguerre e os dois continuam as investigações sobre como fixar a imagem. Após a morte de Niépce em 1833, Daguerre prossegue com as suas experiências em Paris, utilizando chapas revestidas a prata e sensibilizadas com iodeto de prata, abandonando definitivamente o betume. Em 1835, descobriu que o vapor de mercúrio revelava as imagens, desta forma reduziria a duração da exposição. Mas ainda faltava saber como parar a ação da luz sobre a prata, o que provocava o escurecimento da imagem até o seu desaparecimento. Em 1837, Daguerre descobriu um processo para interromper a ação da luz, com um banho de cloreto de sódio (sal vulgar). Data desse ano aquela que é considerada a primeira fotografia batizada de daguerreótipo.

Com a evolução do ser humano e o desenvolvimento da tecnologia, a história da humanidade pode ser registrada de forma mais fiel com o advento da fotografia. O termo fotografia tem origem grega, foto = luz, grafia = escrita. (LIMA, 1988, p. 7 apud RODRIGUES, 2007).

Foi e é por meio dela que o homem manifesta e grava suas ideias de forma mais real. Ela é a grande responsável por conhecermos o mundo tal qual ele é, sem precisar ir muito longe, com suas alegrias e com suas tragédias. Cheia de possibilidades, a fotografia pode contar histórias, possibilita uma viagem sem sair de casa e mostra as diferentes culturas. Além disso, a fotografia também aproxima, diminui a saudade, apresenta pessoas e revela a história através do tempo.

Para Kossoy (2001, p. 19):

Desde o seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até os nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, “testemunho da verdade” do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza físico-química – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como esses fatos se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade.

Ela é tão importante para a comunicação visual que não dá para imaginar um livro de histórias sem as imagens ou um jornal sem fotos. Assim, Barthes (2000, p. 334) vai dizer que:

[...] na maioria das vezes o texto só faz amplificar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas às vezes também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo e que é de algum modo projetado retroativamente na imagem, a ponto de aí parecer [...].

A imagem e o texto se completam para garantir a comunicação e o entendimento da mensagem verbal e não verbal.

3 FOTOJORNALISMO

Os fatos registrados no dia a dia da sociedade, ou seja, a informação dada por meio de fotos é chamada de fotojornalismo. É um gênero da fotografia que tem a função de informar, por meio de imagens, da forma mais objetiva possível. Assim, pode-se afirmar que, por meio do fotojornalismo, as emoções são passadas para a vida do ser humano no momento em que a foto foi tirada.

O primeiro evento a ser registrado por meio da fotografia foi a procissão do centésimo aniversário de Joseph II, em Viena, no ano de 1841. A contar daí, as fotos em preto e branco, ou também conhecidas como PB, são publicadas em jornais ou revistas há mais de 100 anos. No Brasil, a fotografia colorida impressa ganhou destaque na década de 70 em revistas semanais, entre elas, a revista *Veja* e a revista *Manchete*.

Entre os jornais, a “Folha de São Paulo” foi o primeiro a circular diariamente com uma capa totalmente colorida, em 1989, e em 1994 foi o pioneiro da América Latina a publicar uma foto feita em câmera digital. Em Santa Catarina, em 1995, o jornal “A Notícia” começou a ser impresso de forma colorida, dando maior destaque às fotografias.

Mas nem sempre a fotografia foi tida como material importante para o jornal impresso. Houve um tempo em que ela era usada simplesmente como “tapa-buracos”, pois consideravam que somente os textos eram suficientes para informar. Hoje, elas também informam sem precisar de texto, título ou legenda, pois como dizem Janson e Janson (1996, p. 7):

A arte nos dá a possibilidade de comunicar a concepção que temos das coisas através de procedimentos que não podem ser expressos de outra forma. Uma imagem vale por mil palavras, não apenas por seu valor descritivo, mas também por sua significação simbólica.

Neste sentido, a fotografia parte para uma compreensão que busca na comunicação a sua definição, a sua interpretação e a sua sensibilização artística.

Depois de se notar que as imagens estavam ganhando espaço entre a população, houve mudanças no manual de redação e na parte gráfica dos jornais quanto aos critérios para o uso da fotografia. A partir daí, ela passou a ter espaço importante nos periódicos, tanto que está entre as categorias premiadas pelo “Prêmio Esso de Jornalismo”, que, desde 1955, escolhe os melhores trabalhos de todo o Brasil.

Não existe fotojornalismo pronto, afinal, toda foto tem uma história e, para o jornal, toda história deve ser pautada previamente. Quando o fotógrafo sai do jornal, já sabe qual será o assunto a ser registrado, e, em conversa com o repórter, já sai pensando em como fazer a foto, pois é ela que vai induzir à leitura do assunto pautado, e quiçá, por causa da imagem, o tema será manchete de capa. A imagem é boa quando consegue comunicar antes de se ler a legenda.

Para o editor-chefe do jornal “A Notícia”, Domingos Aquino, a fotografia é capaz de transmitir sensações de forma mais precisa e mais rápida do que o texto. Tem mais força para emocionar, indignar, surpreender, impactar. Aquino (s/d) compreende que:

O que eu vejo tem muito mais força do que aquilo que eu leio ou ouço falar. Hoje, o papel da foto ganha ainda mais relevância como porta de entrada para os textos, como ponto de atração para as reportagens. Ao contrário dos anos 80 e até 90, é impensável na atualidade publicar uma matéria sem fotografia. Seja no impresso, seja no on-line.

Contudo, o fotojornalismo deixa o profissional um pouco preso à pauta. Mesmo ele tendo liberdade e criatividade de fazer belas imagens que captam o teor

da matéria, muitas vezes, uma visão mais humana é deixada de lado. Por causa disso, em meados da década de 30, surgiu o gênero fotodocumentário.

3.1 O JORNAL NA ESCOLA COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM

Desde 1998, o jornal “A Notícia” de Santa Catarina, desenvolve um projeto junto às escolas municipais e estaduais chamado “AN Escola”, que consiste na aproximação dos estudantes com a leitura dos fatos no contexto social e apreciação de jornais.

A partir da distribuição do jornal nas escolas, o professor de classe trabalha o assunto com as crianças, partindo desde o uso da imagem até o conteúdo textual, gerando, assim, discussões e debates em sala de aula. Daí surgem os trabalhos artísticos, textuais e até poemas feitos pelos estudantes.

Para a coordenadora do projeto AN Escola, Franciele Manica, as imagens são de extrema importância para a criação dos alunos. “Se houvessem somente os textos, as crianças não teriam uma leitura visual, não conseguiriam visualizar o conteúdo proposto. As fotos são muito importantes para o processo” (PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO, s/d).

Os professores também compactuam da importância que o jornal tem como ferramenta pedagógica. Conforme Eliane Maria Trevisan Cassol (s/d), pedagoga na EEB Hélio Lentz Puerta, no município de Bom Jesus, Santa Catarina:

O jornal veio a somar como mais um recurso pedagógico. Os professores elaboram o projeto e utilizam o jornal como recurso, como fonte de pesquisa e informação. O jornal coloca o aluno em contato com o dia a dia, com a atualidade.

É um registro diário da realidade, é a nossa história, da política, do mundo. O jornal é um instrumento complementar na educação.

Após os trabalhos serem finalizados, a escola os envia para o jornal “A Notícia”, onde alguns são escolhidos para serem publicados no caderno AN Escola, que circula uma vez por mês, encartado dentro do jornal principal.

4 FOTODOCUMENTÁRIO

O fotodocumentário, ou fotografia documental, surgiu em meados da década de 30, pela necessidade de expor a liberdade de expressão, em que as questões que envolvem a vida humana são tratadas com outro olhar. É onde o fotógrafo tem maior liberdade para pesquisar o assunto e escolher a melhor oportunidade de registrar o fato. As fotos de família, que registram lugares e momentos históricos, também podem ser consideradas documentais.

Outro aspecto da foto documental é que, diferentemente das fotos jornalísticas, elas alcançam espaço no meio literário e nas galerias, pois normalmente o resultado do projeto fotodocumental é publicado em livros ou apresentado numa exposição.

4.1 FOTODOCUMENTÁRIO E A ARTE

Muitos artistas contemporâneos se utilizam da técnica do fotodocumentário como uma possibilidade artística. Por meio das fotos, são retratados os momentos cotidianos, expressando muitas vezes, as mazelas da realidade social.

É uma técnica que compreende a liberdade artística, fugindo de regras estabelecidas, numa busca pela criação e pela criticidade do espectador.

Atualmente, o artista brasileiro Sebastião Salgado é referência mundial por documentar por meio de fotos a realidade da sociedade. É um artista que recebeu

inúmeros prêmios por suas fotografias, que foram e são reconhecidas por verdadeiras obras de arte criadas a partir da lente da câmera fotográfica. Os trabalhos fotográficos de Sebastião Salgado costumam chocar, perturbar e comover o espectador e apreciador de arte. Isto acontece porque este artista expressa todos os sentimentos subjetivos possíveis, por meio da imagem. Neste sentido, a fotografia é considerada arte, pois desenvolve a leitura de imagem e a sensibilização do público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, dá para imaginar um jornal sem fotos, uma revista sem imagens? A resposta é óbvia: não. Afinal, vivemos rodeados por fotos. Quem é que dentro de casa não tem um porta-retrato com uma imagem para recordar? Nas ruas, *outdoors* exibem imagens para vender um produto. A fotografia está em todo lugar.

Graças a ela, podem-se conhecer personagens famosos da nossa história como Elvis Presley, Getúlio Vargas, Pablo Picasso, Carmem Miranda, entre muitos outros. Também graças à fotografia foi possível que a geração atual visualizasse e conhecesse eventos como a 2ª Guerra Mundial, o encontro pela paz em Woodstock e a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1970. Poderiam se gastar páginas e páginas para relacionar as personalidades e os eventos conhecidos somente por meio dessas imagens eternizadas e deixadas de herança.

Enfim, essa tecnologia chamada fotografia mudou a forma de se ver as coisas. Com ela, se pode chegar o mais próximo do real, mesmo ele estando a quilômetros de distância de nós. Por causa da imagem registrada por meio da fotografia, gerações futuras poderão conhecer os acontecimentos de hoje, saber aspectos históricos e culturais das gerações passadas.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Domingos. **Jornal A Notícia é jovem aos 91 anos**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/papocomoleitor/tag/jornal/?topo=84,2,18,,,84>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. In: LIMA, Luis Costa (Org). Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 325-338.
- CASSOL, E. M. T. **Depoimentos de Escolas, Professores e Alunos sobre o AN Escola**. Disponível em: <<http://pje.anj.org.br/an-escola-sc>>. Acesso em: 26 maio 2014.
- JANSON, H. W.; JANSON, A. F. **Iniciação à História da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KOCHANSKI, Djone. LOPES, Elisiane Souza Saiber. **Arte e novas tecnologias**. Indaial: Uniasselvi, 2012.
- KOSSOY, Boris. **1941 – Fotografia & História / Boris Kossoy**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO. AN Escola - SC. Disponível em: <<http://pje.anj.org.br/an-escola-sc>>. Acesso em: 20 maio 2013.
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. / Ricardo Crisafulli Rodrigues. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

O DESENHO DA FIGURA HUMANA E O SEU DESENVOLVIMENTO EM SALA DE AULA

Tiago Maestri

Tutora Externa: Adriane Margareth Martin

Professora: Clara Aniele Schley

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART-0095) – Prática do Módulo V

23/11/2013

RESUMO

O propósito deste trabalho é demonstrar a importância do desenho da figura humana e sua utilização em sala de aula para o conhecimento e aprimoramento do aluno com relação à arte como um todo. Será apresentada e relatada neste artigo a importância desta técnica usada no processo de ensino-aprendizagem, que pode ser aplicada em sala de aula, pois o relacionamento com a figura humana, a prática e seu desenvolvimento pode ser adequado à realidade do âmbito escolar e da sociedade em que o aluno está inserido e deve ser levada em consideração quanto à possibilidade de aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Figura Humana. Desenvolvimento. Prática.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar aplicabilidade do desenho da figura humana e o seu desenvolvimento em sala de aula, com a finalidade de discutir o processo de ensino-aprendizagem, em que o professor é o responsável pela organização desta relação com o aluno e o conteúdo proposto, promovendo uma afinidade com o conteúdo.

O aluno é um ser ativo, capaz de adquirir conhecimento de várias formas. Assim, se o professor trabalhar de forma com que o conteúdo for convidativo ao aprendizado, o mesmo terá melhor aproveitamento sobre o conteúdo proposto em sala de aula.

Destaca-se também a importância de o educando assimilar a sua realidade com a realidade em que vive e o contexto do conteúdo a ser aplicado e desenvolvido

com a sua própria vivência, fazendo com que o aluno acredite na sua capacidade de aprender dentre as diferentes representações da figura humana a ele apresentadas no contexto educacional.

2 DESENVOLVIMENTO

Para pensar na arte visual e no desenho da figura humana e o seu desenvolvimento em sala de aula, devemos relacioná-los com a realidade da escola como algo significativo para o aprendizado do aluno, como um processo de crescimento. A intenção deste projeto é analisar o desenvolvimento do aluno utilizando a figura humana como ferramenta de ensino frente ao mundo em que vive e às diversas tecnologias empregadas em seu crescimento educacional.

Ademais, pretende-se mostrar a importância de se observar a capacidade do

aluno sobre esta temática no seu processo evolutivo, proporcionando meios de se utilizar este aprendizado em seu cotidiano e não somente em sala de aula. A arte na educação deve ser um movimento educativo e cultural que humaniza em uma perspectiva ideal e livre (FUSARI; FERRAZ; 2001).

Assim, desenvolvemos a capacidade de entendimento do processo evolutivo do aluno com a apresentação de novas formas de aprendizagem dentro das artes visuais. A representação da figura humana é uma ferramenta importante para esse desenvolvimento, sabendo que, diante da modernidade em que o educando está inserido, temos que nos valer de estratégias para efetuar a sensibilização desses alunos através da arte e suas diversas formas de aprendizagem.

Na concepção de Vigotski (1999, p. 328-329) quanto à importância da arte para a sociedade,

Se considerarmos a arte como um ornamento da vida, é claro que esse ponto de vista será bastante admissível, só que ele contraria radicalmente as leis da arte que o estudo psicológico descobre. Isto mostra que a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida.

Assim, o tema reforça que arte avigora e contextualiza a interação entre o desenho e as formas de interagir com as pessoas, não existindo a necessidade de se trabalhar com a educação sensível, que pode não atingir o objetivo desejado à didática aplicada ao educando.

Essa transformação está em trabalharmos o processo evolutivo de nossos alunos e, para tanto

Todos os processos [...] se originam

em uma intensa inquietação emocional – talvez indefinida – em busca de formas – por hora também indefinido. [...] o estado interior que leva o artista a criar caracteriza-se pela mobilização total e ativa da mente e das emoções, uma plenitude que procura rumos e ordenações para expressar-se. (OSTROWER, 1998 p. 58).

Pensar no desenho da figura humana é pensar na sensibilização e na criação do mesmo dentro de sala de aula, envolvendo direta e indiretamente o aluno na temática aplicada, assim, tornando-se necessário o aprendizado e o aprofundamento das devidas técnicas aplicadas ao desenho e no desenvolvimento do aprendizado do educando.

Desta forma, pode-se dizer que a temática em questão leva o educando a quebrar a rotina do aprendizado em sala de aula, e quando aplicado de maneira inconveniente se tornam monótonos e saturados com o tempo. No entanto, pode-se dizer que a arte é mutável. Martins (1998, p. 13) ensina que: [...] “a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo o ser humano tem direito ao acesso a esse saber”.

A arte tem em seu caráter educativo a função de humanização. Assim, podemos trabalhar com figura humana para evidenciar o seu ensinamento, buscando transformar a sua realidade e incentivando a necessidade do ato de pensar e de agir dentro das derivações de formar, de se criar e interagir com as diversas possibilidades de criação, seguindo os paradigmas empregados no desenvolvimento da representação humanística apresentados aos alunos em sala de aula, para que haja críticas e soluções para o futuro num sistema tão complexo em que a arte se encontra atualmente.

Segundo esse contexto, o desenho da

figura humana, em função da arte, sofre um processo de deslumbramento, libertação do senso crítico, formativo de opinião na técnica utilizada no processo de desenvolvimento do desenho em si, onde o processo de libertação das funções e finalidades desta ação em si adquire autonomia.

Diante dessa colocação, cabe-nos ver e analisar as concepções da figura humana com relação ao desenho aqui relacionadas como forma de crescimento educacional frente ao educando. Assim, podemos dizer que a figura humana está vinculada ao processo de desenvolvimento do aluno com as técnicas aplicáveis na produção do educando.

Para Derdyk (1989, p. 11):

A vivência é fonte do crescimento, o alicerce da construção da nossa entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva. Não há mais dúvidas de que todas as pessoas são inatamente criadoras, independente de sua formação cultural, de sua atividade, de sua origem racial ou geográfica. O que nos impede de exercer o nosso desejo [...]? A concepção de nós mesmos, como um ser acabado e estável, agarrado a uma ideia de eu, tal como a tábua de salvação no meio do mar, é um empecilho para nos laçarmos. A vivência pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência.

Podemos dizer então que o processo de desenvolvimento do aprender com base na figura humana envolve sua capacidade de desenvolver um desenho dentro da sua representação e orientação técnica, para que haja evolução no seu aprendizado. Isso só é possível com a ajuda do professor, que é um mediador do conhecimento aplicado ao educando.

Com a aplicabilidade das técnicas, vamos descobrir e criar formas de mostrar o agir de uma existência. Como disse Einstein (s/d): “A personalidade criadora deve pensar

e julgar por si mesma, porque o progresso moral da sociedade depende exclusivamente da sua independência”.

Para que a representação da figura humana aconteça e alcance o seu objetivo, devemos considerar o ato de desenhar como ponto fundamental para um bom desenvolvimento em sala de aula, assim criando um vínculo direto entre professor, técnica empregada e aluno.

Assim, nossos sentimentos, sensações nos dão o suporte para um raciocínio e ação criativa perante a técnica empregada. Pessoa (s/d), em sua definição, disse: “Que este processo de fazer arte causa estranheza, não admira; o que admira é que haja coisa alguma que não cause estranheza”.

Outro ponto importante a se destacar sobre o desenho da figura humana é o processo evolutivo em que nos encontramos, devido ao sistema digital e às novas tecnologias, que são para nós, professores, um desafio educacional relacionado à disciplina de artes, que envolve o educando no seu processo de evolução e desenvolvimento intelectual.

Sendo assim, as mídias podem ser usadas na educação como meio de promover a aprendizagem de maneira mais inteligente e investigativa, de iniciativa e não de procedimentos executados em frente a um computador, mas sim mediador de conhecimento. Dessa forma, devemos estar preparados para trabalhar com alunos desta geração, e o propósito da educação em artes deve estar voltado não somente para o desenho prático e comum dentro da área educativa, mas sim explorar as diferentes técnicas empregadas no meio digital.

Atualmente, temos que percorrer esse caminho, procurando soluções que melhorem a qualidade do ensino e principalmente do ensino da arte. As palavras de Richter (2003, p. 51) reforçam isso:

O grande desafio do ensino da arte, atualmente, é o de contribuir para a construção crítica da realidade através da liberdade pessoal. Precisamos de um ensino de arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida.

O compromisso com a formação do educando está voltado à forma de aplicação do conteúdo em sala de aula. Para tanto, temos diferentes formas de ensinar, com o compromisso de passar o conteúdo usando várias formas e técnicas que irão servir de caminho para o desenvolvimento em potencial de cada aluno com relação à figura humana.

Nesse caso, a arte e sua técnica estão refletidas no desenho e são consideradas uma expressão humana, que, como qualquer outra forma artística, sofre transformações, no processo de desenvolvimento que tem o intuito de revelar o potencial de cada aluno, e também que vem de encontro com a atualidade dentre os dias de hoje e o mundo em que vivemos.

A partir desta descrição, entende-se que o educando começa a criar em seu consciente, para conseguir compor sua necessidade de desenhar e construir sua história artística. Ostrower (1998, p. 298) destaca a importância da arte para os dias de hoje:

É justamente no sentido mais essencial da arte, no sentido de valores e da ampliação de estados de consciência, que os desenhos [...] nos enriquecem e nos comovem a ponto de parecer-nos atuais para nossos problemas existenciais de hoje. Encontramos, nessas imagens, o ser humano que desde o início se defronta com a dimensão de sua consciência. Ele se percebe e sabe da própria condição humana.

Diante da magia do desenvolvimento do desenho, em função da representação da figura humana, usam-se as técnicas de proporção, que envolvem a arte e o educando no processo de evolução e também no desenvolvimento de materiais para melhorar o ato de desenhar.

Com o passar do tempo e das novas tecnologias, o processo de educar se torna mais convidativo. O tempo, a evolução e as técnicas já empregadas na arte em questão levam na sua forma o desenvolver do desenho, assim, aguçando a sua produtividade.

Para tanto, Ostrower (1998, p. 27) enfatiza:

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível- cultural- consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que [...] procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas [...]. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia.

Portanto, o processo de desenvolvimento sobre a figura humana aqui correlacionada em forma de teoria nos faz refletir sobre a criação uma obra artística, como também no mundo em que o educando está inserido, ou seja, se esse meio pode estar estagnado ou não, sem vivência, sem interação, comunicação e interpretação do olhar artístico que envolve o aluno, o professor e a sala de aula.

Sendo assim, faz-se necessário formar e desenvolver as habilidades das técnicas de formação do desenho da figura humana nos alunos de forma cognitiva, com a finalidade de construir, de criar e de interpretar os códigos culturais empregados no seu universo.

A educação voltada para a área de artes veio fortalecer a prática educativa,

a fim de proporcionar uma transformação educativa e positiva na capacidade de utilização das técnicas envolvidas neste tipo de arte, que, no seu processo de produção artística convencional ou não, pode ser percebida nos trabalhos desenvolvidos pelos educandos.

O método é definido por Saviani (1991, p. 91) como:

[...] a concepção pressuposta nesta visão da Pedagogia [...] é o materialismo [...], ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana”. Possivelmente, essa concepção reforçou, para esses alunos, que o conhecimento humano é tão importante como o conhecimento tecnológico.

Para finalizar, temos que relacionar o aprender como uma linguagem diferenciada que o aluno utilizará por meio da cultura que tem ou irá adquirir ao longo do tempo. Tanto o ato de educar para a sensibilidade de utilização do desenho da figura humana, que envolve a sensibilidade, quanto o ato de criação e desenvolvimento, tudo isso é desenvolvido na perspectiva do aluno em sala de aula.

Para que isso venha a acontecer, os educandos deverão ter conhecimento em artes visuais e estar em constante contato com obras artísticas, literatura, desenhos expressivos, para que consigam aprender os conhecimentos e habilidades e/ou os conhecimentos técnicos, artísticos, científicos e tecnológicos dentro das técnicas apresentadas pelo professor em sala de aula.

O desenho da figura humana revela que somos indivíduos visuais, que nossas mentes se manejam através de imagens que nos norteiam. Desenhistas ou não, precisamos de referências visuais todo o tempo.

O referencial da forma humana e

sua representatividade leva o desenho a exercer uma necessidade de adesão às técnicas básicas de um desenho em inúmeros momentos. No entanto, ao retomar o desenho, seja em qualquer idade, as lembranças da experiência ajudam muito.

Assim funciona a lei da representatividade do desenho da figura humana demonstrada neste projeto. Buscamos demonstrar a importância desta técnica para o desempenho funcional do desenho e para o aprendizado do aluno em sala de aula.

Desta forma, a representação do corpo com relação ao desenho é a demonstração do conhecimento que o aluno irá adquirir no período que estiver em sala de aula. O relacionamento entre educando, aula e conhecimento é de extrema importância para o entendimento da técnica aplicada, a prática desenvolvida e a adequação da realidade escolar em que o aluno está inserido, levando em consideração seu aprendizado.

Podemos afirmar que a capacidade que todos nós temos e que cada um pode desenvolver caso tenha estudado, praticado e desenvolvido, é a sensibilidade evolutiva da imaginação frente ao aprendizado sobre o desenho da figura humana. É necessário lembrar que a maneira de pensar, agir e demonstrar as ideias de uns é diferente de outros e isso também demonstra seu conhecimento adquirido em artes.

3 CONCLUSÃO

De acordo com as vivências aqui reveladas sobre o desenho da figura humana, sobre seu processo de formação e sua influência na educação dos alunos, a pesquisa teve cunho qualitativo, a fim de demonstrar sua importância no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, foi possível observar que a arte tem um grande valor na aprendizagem do

educando e proporciona oportunidades de desenvolvimento educacional através das expressões desenvolvidas pela arte.

A técnica empregada no desenho da figura humana pode desenvolver o enriquecimento na aprendizagem do aluno, o processo de conhecimento em arte, que reflete no processo de aquisição de conhecimento, atualmente limitado pela falta de motivação dos alunos.

A arte e suas técnicas aqui explanadas deve ser encarada como área de conhecimento, e não como lazer. A finalidade deste estudo é despertar a socialização dos alunos através da arte, com a finalidade de compreendê-la como expressões artísticas.

Desta forma, a arte e seu desenvolvimento com relação à figura humana não é apenas uma configuração de humanizar o aluno, mas sim de desenvolver os valores educacionais para alcançar o desenvolvimento a partir da arte, criando no aluno o gosto e a capacidade de julgamento que não deve ser encarado como uma preferência subjetiva e cheia de regras.

Cabe ressaltar aqui que é necessária atenção ao optar pela metodologia utilizada na formação do educando, para não infantilizar a sua importância no processo de aprendizado da arte e suas técnicas, da mesma forma que a torna mais sensível, mais transformadora.

Para finalizar, a arte e a representatividade do desenho da figura humana devem ser consideradas como meio importante de se adquirir conhecimento, porque transmite o saber tanto histórico como atual e também de estilos. Além de expressar uma visão mais cognitiva e aberta sobre o que se está apresentando ao educando, não deixa de expor a sensibilidade de cada procedimento de estudo. Não se deve esquecer que para cada procedimento, deve ser também cobrada e exigida uma orientação, para que os trabalhos sejam expressos

e representados como conhecimento e proporcionando que o aluno adquira novas formas de informação sobre a arte que contribua na transformação de sua realidade.

REFERÊNCIAS

- DERDYK, E. **Formas de Pensar o Desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.
- EINSTEIN, Albert. Disponível em: <<http://www.citador.pt/frases/a-personalidade-criadora-deve-pensar-e-julgar-por-albert-einstein-6976>>. Acesso em: 26 maio 2014.
- FUSARI, M. F. de R; FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte na Educação Escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, M. C. *et al.* **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- OSTROWER, F. **A sensibilidade do intelecto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.
- PESSOA, F. Disponível em: <<http://pensandoemliteratura.webnode.com.br/news/fernando-pessoa-fragmentos-/>>. Acesso em: 26 maio 2014.
- RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo; Martins Fontes, 1999.

ARTES X TECNOLOGIA

Roberta Kologeski Carvalho

Tutora Externa: Viviane Kneib

Professora: Clara Aniele Schlei

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0078) – Prática do Módulo III

21/05/2013

RESUMO

A tecnologia já invadiu nossas casas, escritórios, como também a escola, fazendo parte incomensurável do nosso cotidiano. Contudo, todas essas inovações tecnológicas não surgiram instantaneamente e sim de forma gradual e esporadicamente, transformando a nossa História tanto em âmbitos econômicos, sociais, filosóficos, políticos, educacionais quanto artísticos, modificando conceitos renomados das artes, trazendo à cena novos e inusitados materiais, rompendo estruturas e colidindo contra o tradicional, tudo decorrente dessa alta evolução tecnológica contemporânea. No entanto, no contexto desse mundo digital, permeado por tecnologias, será que as mesmas atuam como auxílio na educação, principalmente? O que não podemos, enquanto professores, é ficarmos estagnados e indiferentes, pois a tecnologia já emergiu de forma muito significativa em nossas salas de aula. Concomitantemente, é importante que estejamos devidamente familiarizados com essas novidades tecnológicas, como, por exemplo, as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), para desfrutarmos de todos os benefícios que as mesmas podem proporcionar, tanto nas aulas de Artes, enquanto instrumento de informação, conhecimento ou facilitador de aprendizagem no processo de ensino, quanto em qualquer outro ambiente, não menosprezando seus malefícios.

Palavras-chave: Tecnologia. Artes. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia, há muito tempo, vem ocupando e se apropriando de espaços consideravelmente significativos na sociedade, em face do que acabou abarcando praticamente todos os aspectos do mundo contemporâneo, como o social, político, econômico, educacional e muitas outras áreas. No entanto, esse avanço tecnológico não é fidedigno à contemporaneidade, pois há muito tempo a tecnologia tornou-se um importante instrumento na construção e na evolução do conhecimento humano.

Abrangendo diversas áreas de conhecimento, a tecnologia também

influenciou muito, alterando ideais artísticos, despertando artistas vanguardistas, estimulando a heterogeneidade de materiais nas Artes, a variação de técnicas, assim como trouxe novos recursos no processo de ensino e aprendizagem.

Tendo por objetivo debater sobre as vantagens e desvantagens que toda essa revolução tecnológica trouxe, com as TICs¹, às salas de aula, levando em conta que em uma sociedade que está em plena mudança e na qual a aprendizagem é fortemente invocada, diversos aspectos da Arte sofreram alterações, desde artistas mais irreverentes, materiais inusitados, técnicas inovadoras

¹ TICs – Tecnologias da Comunicação e Informação.

até a discussão de conceitos. Somado a isso, deve estar a busca do grupo escolar em aderir aos benefícios dessas inovações, contextualizando a evolução das mesmas no decorrer da história humana.

Sendo abordado desde a evolução tecnológica e sua cronologia, o surgimento das TICs, as divergências e convergências entre as artes e a tecnologia, as inovações artísticas decorrentes de tais inovações na contemporaneidade, da mesma forma que serão abordados posteriormente os benefícios e os malefícios da tecnologia no campo educacional, servindo muitas vezes como um suporte nas aulas de arte, como também se tornando uma grande vilã se não utilizada de forma plausível.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A evolução tecnológica proporcionou facilidades para a sociedade, e numa rapidez estonteante busca aprimorar suas tecnologias. E nós, conseguimos entender e até mesmo acompanhar estes aparatos tecnológicos? Podemos ter uma ideia superficial da dimensão que as evoluções científicas tomaram em nossa sociedade atualmente.

Desde os primórdios, o homem é caracterizado por ter em seu âmago a insatisfação, buscando diversas formas para supri-la, evoluindo significativamente através dos anos, conquistando conhecimentos, territórios e instrumentos para tentar satisfazer-se, surgindo, assim, a tecnologia.

A tecnologia pode ser considerada o artifício que nos trouxe a facilidade existente nesse mundo contemporâneo, nessa era digital e da informação. Todavia, o termo tecnologia não pode ser apenas utilizado para designar estes instrumentos digitais atuais, como androides, *iPods*, *smartphones* e tantos outros materiais disponíveis no mercado

A tecnologia não se delimita somente a isso, pois o dicionário define a tecnologia como sendo a união de conhecimentos usados em momentos de descontração ou como uma ferramenta para serviços.

Todo o interesse nesse ramo científico teve como princípio o desejo humano de calcular, evoluindo desde a contagem de pedrinhas, ideia que surgiu com pastores, passando pela invenção dos algarismos, atribuída aos hindus, mas difundidas pelo povo árabe, em especial, pelo árabe Al-Khowarizmi com a sua obra intitulada *De Numero Hindorum*, escrita no século IX. (KOCHANSKI; LOPES, 2012).

Com a invenção do ábaco, que é reivindicada por diversos povos, surgiu a automatização do cálculo, tendo como próximo evento, apenas séculos depois, o esboço de um projeto de calculadora mecânica baseada em engrenagens, feito por Leonardo Da Vinci, datado de aproximadamente 1500 d.C., surgindo, inspirada nesse desenho, a Pascalina.

A Pascalina é considerada a precursora das calculadoras mecânicas. Aperfeiçoando a máquina de Pascal, Gottfried Wilhelm von Leibniz, desenvolveu o cilindro Leibniz, cujo verdadeiro nome é Step Reckoner, na qual ele implementou mais duas operações, a divisão e a multiplicação. Seguiu como exemplo de aprimoramento e de estudos muitos anos depois.

Já em 1834, Charles Babbage desenvolveu um projeto denominado máquina analítica, que possui as bases de funcionamento de um computador e um sistema operacional. Isso gerou a Charles a denominação de pai do computador, embora ele não tenha conseguido construir a sua máquina devido às limitações do século XIX.

Unindo-se a ele, Lady Ada criou “[...] os princípios da programação de

computadores através da definição das estruturas de sequência, seleção e repetição. Em função de seu legado, Lady Ada é considerada a primeira programadora da história.” (KOCHANSKI; LOPES, 2012, p. 30).

2.1.1 Cronologia da evolução tecnológica

Resumidamente, seguem os principais inventos e descobertas no ramo científico das tecnologias:

Em 1820, é construído o Arithmometer por Charles Xavier Thomas de Colmar, a primeira calculadora considerada bem-sucedida. Já no fim do século XIX, Herman Hollerith confeccionou uma máquina de tabular, que se tornou uma solução eficiente para o censo de 1890. Hollerith criou uma empresa, a qual se agregou a outra, formando aquela que se tornaria uma empresa de grande relevância até os dias atuais, ocupando um lugar de liderança dentro do processo tecnológico, a IBM (International Business Machines).

O inglês Alan Mathison Turing desenvolveu, em 1936, a teoria da computabilidade, na qual ele concluiu que, ao invés de utilizar uma máquina específica para cada processo, seria mais simples se fosse utilizada somente uma máquina que abrangesse todos esses processos, uma máquina universal. Tal fato confiou a Turing a denominação de pai da computabilidade.

Em 1939, foi fundada a HP, e sete anos mais tarde foi desenvolvido o primeiro computador eletrônico da história. Já em 1975, a Microsoft foi criada por Bill Gates e Paul Allen, iniciando seus trabalhos, desenvolvendo *softwares* para um computador nomeado como Altair. A Microsoft foi a responsável pela socialização do computador, trazendo-os para dentro de nossas casas, tornando-os acessíveis economicamente para uma grande parcela da sociedade.

Contudo, nessa grande jornada da evolução tecnológica, muitas instituições e organizações têm grande participação, tais como: Apple Computadores, Microsoft, IBM, entre outras.

FIGURA 1 - EVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA

Ano/Século	Evolução Tecnológica
	Antes de Cristo
4000 a.C.:	Surge o alfabeto pictográfico, na Mesopotâmia.
~3250-1950 a.C.:	Os sumérios criam a escrita cuneiforme.
~3000 a.C.:	É criado o ábaco.
~3000-2000 a.C.:	Egípcios criam a escrita hieróglifa.
~1600 a.C.:	Chineses inventam papel e a escrita por ideogramas.
~500 a.C.:	Egípcios e romanos inventam os relógios e a numeração.
	Depois de Cristo
~825:	Invenção do conceito de algoritmo.
1623	Invenção das calculadoras.
1644	A Máquina de Somar de Pascal.
1679	Surge o cilindro de Leibnitz.
1820	Máquina Diferencial de Babbage.
1833	Paul Nipkow cria o conceito de televisão.
1837	Cria-se o suporte em papel e o telégrafo.
1844	Surge o telégrafo de Morse.
1874	Surge a primeira máquina de escrever.
1876	Graham Bell inventa o telefone.
1900	Surgimento da memória magnética.
1902	Surgem as primeiras tele-impressoras.
1918	Codificação Enigma da Alemanha.
1924	Computing-Tabulating-Recording Company vira a International Business Machines (IBM).
1927	1º demonstração pública da TV.
1933	1º computador mecânico é construído na Alemanha, por Konrad Zuse.
1936	Alan Turing estabelece os princípios teóricos do computador.
1936	Primeira transmissão televisiva, incorporando som e imagem, pela BBC britânica.
1937	Primeiro computador elétrico de Atanasoff e início dos computadores ABC.
1940	Surge a TV em cores.
1943	Britânicos decodificam mensagens secretas alemãs com o Colossus.
1945	O ENIAC (primeiro computador eletrônico) torna-se operacional.
1950	Primeiro Modem digital.
1951	Surge o primeiro computador comercial – UNIVAC IBM 701.
1969	ARPANET dá início à Internet.
1971	Surge o primeiro micro processador, o Intel 4004.
1971	Criam-se as redes LAN sem fios (Wireless).
1972	Surge a Ethernet.
1974	A primeira rede ARPANET comercial é criada.
1975	A Microsoft é fundada por Bill Gates e Paul Allen.
1975	Surge o Altair, primeiro computador pessoal.
1976	Lançado o Apple I, por Steve Jobs e Steve Wosniak.
1981	Surge o Osbourne I, o primeiro notebook.
1984	HP pioneira na tecnologia de jato de tinta.

1985	Phillips inventa o CD-ROM.
1987	Surgem as placas de som.
1989	Tim Berners-Lee propõe a World Wide Web.
1990	Lançado Windows 3.0, primeira versão de sucesso da interface gráfica.
1991	Surge o Linux, baseado no Unix.
1994	Galaxy torna-se o primeiro site de procura na Internet.
1995	Microsoft lança o Windows 95, primeiro sistema operacional Windows.
1996	Nasce a USB (Universal Serial Bus).
1998	Nascem os CDs graváveis e regraváveis (CD-RW)
1999	Nascem os MP3.
2001	Lançamento do primeiro iPod da Apple.
2001	Surge o USB 2.0.
2003	Comunicações Wi-Fi disseminam-se.
2006	Surge o conceito de Web 2.0.
2006	Apple lança o iPod Nano e o iPod Vídeo.

FONTE: Adaptado de: <<http://flaviofaria.blogspot.com.br/2008/05/cronologia-da-tecnologia.html>>. Acesso em: 26 maio 2014.

Dessa forma, pode-se avaliar que “O enorme impacto tecnológico do microcomputador e, mais tarde, da internet, obviamente dominou o desenvolvimento de novas mídias nos últimos 40 anos. Os primeiros trabalhos giravam em torno da avançada tecnologia acessada; agora, as mídias digitais são onipresentes nas sociedades desenvolvidas”. (DOMINGUES, 2009, p. 18)

Pois, “[...] a história das novas mídias entrelaça dados das histórias da ciência, tecnologia, artes e sociedade como um todo, dados que se entrecruzam em plano internacional, devido à conectividade da internet [...]” (DOMINGUES, 2009, p. 20). Afinal, estamos em uma sociedade digital, na era da informação, onde já não se consegue viver alheio à tecnologia, ao conforto e às facilidades oferecidas pela mesma.

Considerando que “[...] em todas as épocas, os meios e linguagens advindos de descobertas científicas renovaram práticas e teorias em suas implicações artísticas, estéticas, filosóficas, antropológicas, educacionais, políticas e econômicas [...]” (DOMINGUES, p. 25), não é de se estranhar

que a tecnologia tenha se tornado um instrumento fundamental na evolução dos conhecimentos humanos.

2.2 TICS

“As TICs [...] são o conjunto de recursos tecnológicos utilizados por uma parcela da sociedade com diversos objetivos. Na maioria dos casos, as TICs são utilizadas para automação de atividades, seja na indústria, no comércio ou na educação [...] compartilhando informações, conteúdos [...]” (KOCHANSKI; LOPES, 2012, p. 35).

Alteraram os panoramas das trocas e fluxos de informação, trazendo a facilidade da difusão global da informação, disponibilizando informação rapidamente e em qualquer lugar, moldando nossas noções de espaço e de tempo, as quais já estávamos acostumados. Proporcionaram soluções para os mais diversos problemas, trazendo lazer, facilidade e conforto. Todos esses benefícios só tornaram-se palpáveis às pessoas ditas comuns devido a algumas instituições, como Apple, IBM, Microsoft entre outras. A Apple Computer foi responsável pela criação de uma série de novos conceitos

utilizando a tecnologia como meio, os quais trouxeram para dentro de nossas casas o computador, tornando-o um utilitário pessoal e economicamente acessível, pois

Felizmente a Tecnologia da Informação não parou de evoluir e a partir da década de 1990 pudemos começar a obter novos benefícios proporcionados pela evolução e pelo barateamento do acesso aos recursos computacionais, tanto no sentido da computação propriamente dita, quanto na questão das comunicações utilizando a infraestrutura das redes de computadores. (KOCHANSKI; LOPES, 2012, p. 72).

Assim, as TICs inovaram e influenciaram muito para chegarmos ao nosso atual patamar tecnológico, alterando formas de negócio, abrindo novos mercados, proporcionando novos serviços, como também,

As TICs têm influenciado [...] na queda dos custos de artefatos tecnológicos e de processamento de dados, de serviços e de determinados produtos em função dos recursos tecnológicos empregados. Num panorama geral, as consequências para os indivíduos e a sociedade têm sido bastante positivas, permitindo acesso a informações, produtos e serviços, o que pode caracterizar-se como melhoria na qualidade de vida. (KOCHANSKI; LOPES, 2012, p. 36).

Afinal, uma das dificuldades atuais encontradas é a conciliação da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento de sua compreensão em espaços menores. A informação está disponível em qualquer lugar e a qualquer momento, nos transformando em uma sociedade da informação, pois com a internet e a utilização das TICs, o panorama geral de todo o processo de construção de conhecimento nessa atual sociedade digital modificou-se, tomando como fontes de conhecimento outros suportes que os antes utilizados, tendo um acesso quase que instantâneo em apenas alguns *clicks*. Alguns exemplos de TICs são *tablets*, a própria internet, tecnologias de acesso remoto (*wireless*), telefonia celular,

computadores pessoais, correio eletrônico (*e-mails*), tecnologias digitais para captação e tratamento de imagens e sons. Todos instrumentos que nos auxiliam de diversas formas em nosso cotidiano, tanto no trabalho, escola, entretenimento, comunicação e no acesso a informações.

2.3 ARTES E TECNOLOGIA

“A arte está sempre na vanguarda.” (FERREIRA, 2008, p. 15). Isso já nos incita a perceber que a arte não ficou alheia aos avanços tecnológicos, participando dos mesmos e aproveitando dos seus benefícios para evoluir também, ainda que tenha ocorrido de forma lenta, evoluindo somente quando a tecnologia oferecia recursos para os artistas poderem produzir artisticamente.

E, para Oliveira (1997 apud FERREIRA, 2008, p. 36) “[...] a arte renascentista deu início às conquistas tecnológicas. Ao utilizar-se da perspectiva, foi criado todo um campo de experimentações que a ciência tecnológica também dela se apropriou [...]”. Dessa forma, abrem-se as portas para muitas outras invenções e descobertas em prol da arte.

Desde as invenções da tinta a óleo, os pincéis, os suportes, as bisnagas, e tantos outros materiais, foram evoluindo, facilitando o trabalho do artista, até chegarmos aos desenhos gráficos computadorizados, a ambientes virtuais e tantos outros inventos, que criaram uma nova demanda de artistas diferenciados.

“A fusão entre arte e tecnologia foi ocorrendo gradativamente através dos anos, sendo a década de 1960 praticamente como um divisor de águas entre os conceitos conservadores e modernos. A visão conservadora da arte passou a ser vista de maneira mais arrojada”. (KOCHANSKI; LOPES, 2012, p. 174). Foram gerados artistas vanguardistas, arrojados, modificando e aperfeiçoando técnicas, e utilizando materiais

e instrumentos diferenciados de acordo com as inovações do período. Desde a criação da tinta a óleo até ambientes virtuais de aprendizagem, ocorreram através de inovações técnicas, revelando continuidade da evolução histórica da arte, o que só nos evidencia o quanto as formas de Artes mudaram através dos anos e da tecnologia, mudando conceitos jamais alterados.

2.3.1 Artes, tecnologia e contemporaneidade

[...] cada período na história da arte depara-se com sua mídia específica de produção. Encontrar a linguagem criativa para nova mídia e reinventar as linguagens da arte é a tarefa mais desafiadora que os artistas têm de enfrentar continuamente. As mídias apropriadas de nosso tempo são tecnologias digitais, memórias eletrônicas, hibridizações de ecossistemas com tecnossistemas, e o resultado deste desenvolvimento é uma crescente sobreposição das artes com a ciência. Os artistas que exploram estes novos territórios são aqueles que nos mostram a face humana da ciência e da tecnologia [...] (DOMINGUES, 2009, p. 510).

Dessa forma, uma das características relevantes dessa arte conjunta com a tecnologia é que a arte deixou espaços físicos, como o museu, e podemos acessar virtualmente vários sites, como, por exemplo, os espaços museais, onde podemos ver o acervo ou trabalho de artistas através de um *click*. Apesar de que, pessoalmente, ver uma exposição evoca nossos sentidos, enquanto a distância não permite. Cada vez mais, os artistas se apropriam das tecnologias para fazer arte, buscando essa ferramenta para inovar, mas principalmente pesquisar e experimentar novos processos de criações.

Também “[...] cabe destacar, que na arte tecnológica a máquina executa as tarefas no lugar do artista. No entanto, são de competência do artista o trabalho intelectual e a atividade imaginativa. A ação criadora também é exclusiva dele”. (FERREIRA, 2008, p.37). O artista acaba aproveitando o auxílio

da tecnologia em suas obras, assim como acaba realizando obras que não poderiam ser confeccionadas se não a partir do emprego de algum instrumento tecnológico, como videoartes, ambientes virtuais e tantas outras formas de arte contemporâneas.

Na arte contemporânea, o artista explora deliberadamente a tecnologia em virtude do que passa a ser cada vez mais variado diante da grande quantidade de recursos que se apresentam ao mesmo. Como também as artes passam a ser mais interativas, buscando a participação do público como sujeito ativo na obra e não mais somente passivo.

2.3.2 Artes e tecnologia no processo de ensino-aprendizagem

Com os avanços tecnológicos, a educação também busca acompanhá-la. Enquanto professores, nós estamos sempre na busca por novos conhecimentos e métodos, da mesma forma, temos de procurar nos inovarmos, conformarmos e informarmos para podermos proporcionar aos alunos formas de aprendizagem que lhes instiguem mais e que sejam mais atuais, pois já estamos percebendo que certos métodos tradicionais estão sendo substituídos. Afinal “[...] as atenções estão voltadas para as novas tecnologias [...] a educação deve buscar meios para garantir as vivências e experiências do educando no mundo moderno, estimular a curiosidade, o raciocínio e a capacidade de intervir no mundo no qual está inserido.” (FERREIRA, 2008, p. 119).

Cabe ao professor proporcionar vivências estéticas tecnológicas durante as práticas artísticas, para que o aluno possa conhecer e sensibilizar, para uma arte que não apresenta tinta e tela, mas sim, pintura na tela de um computador, através de *softwares*, sites, e mesmo o aparato eletrônico, como máquina fotográfica, impressora e computador, juntos proporcionam vivências como fotoarte, entre

outras formas de criações, como os celulares que trazem aplicativos artísticos.

Ao inserir a tecnologia no cotidiano escolar, o professor ganha um grande aliado no processo de ensino e aprendizagem, agregando experiências que permitem potencializar a construção do conhecimento, desenvolvendo a capacidade de percepção do indivíduo perante uma sociedade permeada por tecnologias, proporcionando um acesso flexível e instantâneo à informação, proporcionando também a possibilidade de utilização de recursos tecnológicos na apresentação de conteúdos.

Cabe ao educador estar atento ao melhor método de ensino e aprendizagem, analisando as necessidades de seus alunos e os melhores instrumentos para desenvolver as habilidades e competências dos mesmos.

2.3.3 Aspectos negativos da tecnologia no ensino

Devemos priorizar o meio convencional de uso de materiais para realizar as aulas de artes, bem como trazer as aulas para outros lugares de saberes, como o museu de arte. O importante é desenvolver a imaginação, estimular os sentidos, a criação e fruição.

Com a utilização de novos métodos, não se pode ignorar alguns fatores, como a carência de materiais, suporte escolar, a formação e aperfeiçoamento dos professores.

É importante que a escola proporcione um suporte, como também materiais aos alunos, como, por exemplo, um laboratório de informática com quantidade aceitável de computadores, impressora e acesso à internet. Também é essencialmente importante que o professor tenha uma qualificação para que possa instruir os alunos corretamente, já que ele atua como mediador da interação entre o computador e o aluno.

Assim, para que o aluno possa

desfrutar bem dessa interação, é importante que o professor esteja apto para fazer com que seja explorada cada possibilidade dessa relação aluno x computador.

Com o acesso à internet, tem-se acesso muito rápido à informação, no entanto não ao conhecimento. Este só é alcançado se trabalhado de forma a instigar o aluno e não somente copiar dados da internet. Como também deve-se ficar atento às fontes da internet, se são confiáveis ou não. Essas características e benefícios só podem ser bem explorados por um professor que tenha um conhecimento na área, caso contrário, o que poderia agir como uma grande aliada pode tornar-se uma grande vilã.

2.3.4 Aspectos positivos da tecnologia no ensino

[...] a arte exerce um papel importante na educação dos jovens, e que a tecnologia já faz parte do dia a dia. Portanto, as novas gerações que vivem no mundo das multimídias podem ter seu interesse despertado pela arte/informática, criando uma nova forma de aprender. É preciso, no entanto, formar o apreciador da arte tecnológica. Podemos dizer, também, que o mais importante não é o poder do computador, mas sim, desenvolver meios para a imaginação e para a sensibilização estética. (FERREIRA, 2008, p. 120).

A tecnologia pode trazer dados, imagens, resumos, textos de forma rápida e atraente, servindo como uma grande aliada do professor. Em razão disso, o professor deve ajudar o aluno a interpretar esses dados, relacioná-los e contextualizá-los, tornando esses dados conhecimento.

A internet é uma tecnologia que, se bem utilizada, facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Dessa forma, o processo de ensino pode ser complementado com a utilização das TICs, que podem potencializar e desempenhar, atrativamente, um papel facilitador na

construção do conhecimento, pois o aluno interage com o objeto que usa métodos, para auxiliar a aprendizagem e a descoberta dos alunos.

O computador é um aliado, um avanço tecnológico que propicia auxílio para nossas vidas, que não deve ser temido, pois é aperfeiçoado constantemente, assim, devemos estar atentos a esse aperfeiçoamento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano sempre teve a insatisfação em seu ser, o que o fez procurar formas de supri-la. A tecnologia foi e está sendo o produto desta busca insaciável por conhecimento e satisfação. Dessa forma, ela segue aliada ao homem desde o início dos tempos, seguindo uma cronologia longa através dos anos até chegar ao que estamos acostumados a vivenciar atualmente.

As TICs indubitavelmente já fazem parte de nossos cotidianos, assim como qualquer tecnologia. Elas surgiram mudando vários aspectos de nossa sociedade, dentre eles, o campo artístico. Alterando e criando novas técnicas, trazendo novos recursos e materiais, gerando uma nova demanda de artistas mais irreverentes, em que o público acaba se tornando participante ativo nas obras.

Já no campo da educação, focando as artes visuais, a entrada do computador na educação tem sido encarada com louvor e condenação, concomitantemente. Afinal, a tecnologia pode trazer avanços positivos ou negativos, tudo dependendo do emprego da mesma, contudo, os benefícios que a mesma pode proporcionar são celebráveis se bem desfrutados.

Em suma, a tecnologia seguiu os passos do homem, calçou-os, deu-lhes rodas, deu-lhes trilhos, deu-lhes o poder de nadar, voar e finalmente, o apresentou ao espaço, a flutuar.

E seguirá dando alicerce aos passos do ser humano independente do lugar, do tempo e da forma, pois a tecnologia já faz parte irrefutavelmente do homem e de sua história.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Diana. **Arte, Ciência e Tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: UNESP, 2009.

FERREIRA, Aurora. **Arte, Tecnologia e educação: as relações com a criatividade**. São Paulo: Annablume, 2008.

KOCHANSKI, Djone; LOPES, Elisiane Souza Saiber. **Artes e novas tecnologias**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: buscando soluções através da motivação e criatividade

Lilian Estela Morastoni

Tutor Externo: Daniel Reis

Professor: Darlan Carlos Dias

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0138) – Prática do Módulo II

10/06/2013

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo buscar formas simples de entender e também de estimular o uso da motivação e a criatividade para uso de trabalhos em sala de aula, pois hoje diversos problemas são apresentados no dia a dia das escolas públicas brasileiras relacionados a dificuldades de aprendizagem. Através de pesquisas em livros didáticos, científicos, revistas, jornais e internet, pretende-se estudar um pouco mais sobre este assunto, além do que já foi trabalhado nos cadernos de estudos referentes à disciplina Psicologia da Educação e Aprendizagem. Este trabalho intende a nos mostrar, como resultado, um conhecimento maior sobre como os professores podem lidar em sala de aula com a diversidade de crianças, que podem ou não apresentar falhas no seu processo de ensino-aprendizagem, e que, usando a motivação e a criatividade, pode contribuir com melhor êxito na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Motivação. Criatividade.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, é comum que os professores tenham problemas ao lidar com uma criança que apresente dificuldade de aprendizagem ou distúrbio de aprendizagem. Para poder responder a estas questões, primeiro devemos entender as terminologias adotadas por autores e pesquisadores da área. Conforme Fonseca (apud OLIVEIRA, 2011, p. 199) “O termo Distúrbio de Aprendizagem está relacionado a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica”. Oliveira (2011, p. 176) ainda complementa que “O termo Dificuldades de Aprendizagem está focado no indivíduo que não responde ao desenvolvimento que se poderia supor e

esperar do seu potencial intelectual e, por essa circunstância específica cognitiva da aprendizagem, ele tende a revelar fracassos não esperados.”

Compreender e buscar formas de observar estes termos acima citados não é uma tarefa fácil para ser executada em sala de aula, tendo em vista que não há um indicador isolado que possa identificar com clareza se a criança apresenta ou não estes sinais, de forma que, muitas vezes, estes indicadores mantêm-se desconhecidos, necessitando assim de um estudo mais profundo do caso que está sendo observado. Para tanto, os professores e futuros professores devem perceber que a

ajuda de um profissional especializado nessa área é de suma importância, já que os sinais podem ser percebidos com mais frequência principalmente nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

A escola, a partir de uma observação e verificação das crianças que demonstrem alguns sinais de dificuldades, tem o dever de passar estas informações para um psicopedagogo (profissional da área da psicologia e com experiência no setor da educação) que avaliará de um ponto de vista mais detalhado se essa criança necessita de uma avaliação clínica feita por um psicólogo em consultório fora da escola, ou se estes pequenos problemas poderão ser resolvidos ou amenizados na própria escola, junto com seus professores, colegas e pais. Nos dias atuais é muito grande o número de crianças que são encaminhadas para consultórios psicológicos, só porque foram “rotuladas” por seus professores como desajustadas ou com sérios problemas de aprendizagem, sendo que na maioria das vezes estas crianças não apresentam nada de anormal, havendo somente a necessidade de a escola exercer uma metodologia diferente, que faça com que a criança aprenda de forma eficiente.

O presente trabalho procura tirar algumas dúvidas que rodeiam o universo escolar e que estão ligadas ao tema em questão, que vão desde fatores que causam as dificuldades de aprendizagem, até como os educadores, escola e família podem estar juntos, buscando usar a motivação e a criatividade para contribuir nesse processo que levará a criança a ser um adulto capaz e feliz.

As etapas seguintes demonstrarão algumas das dúvidas mais frequentes que nos rodeiam com relação ao tema deste trabalho:

- Fatores causadores das D.A. (Dificuldades de Aprendizagem);

- Motivação: o que é? Como proceder para estimular as crianças;

- Criatividade: o que é? Como usá-la em sala de aula;

- Escola *versus* família: como buscar soluções para os problemas no processo de ensino-aprendizagem.

2 FATORES CAUSADORES DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O termo dificuldades de aprendizagem (D.A.), embora complexo, é visto como um foco de pesquisa para vários profissionais na área de educação escolar, sendo que, na escola, principalmente no Ensino Fundamental, é onde as crianças normalmente apresentam maior desenvolvimento no seu processo de aprendizagem. A partir de pesquisas, podemos verificar que são vários os fatores causadores das dificuldades de aprendizagem que, se não observados e solucionados rapidamente, podem produzir danos que irão refletir no futuro dos educandos. Abaixo segue uma lista (QUADRO 1), onde estão relacionados os principais conjuntos de sinais que podem evidenciar se os alunos apresentam algum problema de aprendizagem, e, em seguida, algumas observações para orientação sobre os principais fatores causadores destas dificuldades de aprendizagem.

O profissional da educação não deverá utilizar individualmente o quadro apresentado. Tanto pais, quanto professores e demais profissionais deverão fazer a verificação do comportamento do educando. Se constatarem recorrência destes sinais ou conjuntos de sinais, devem buscar estratégias de ensino com o intuito de sanar as dificuldades de aprendizagem, e se necessário, procurar auxílio de profissionais especializados no assunto: médicos, psicólogos, psicopedagogos.

QUADRO 1 - LISTA DE VERIFICAÇÃO DAS D.A. – DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

<p>Organização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as horas, os dias do mês, dias da semana, os meses e o ano; - Gerir o tempo; - Completar tarefas; - Encontrar objetos pessoais; - Executar planos; - Tomar decisões; - Estabelecer prioridades; - Sequencialização. 	<p>Coordenação motora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manipular objetos pequenos; - Desenvolver aptidões de independência pessoal; - Manipular a tesoura; - Atenção com objetos que o rodeiam (frequência de acidentes, tropeços etc.); - Desenhar; - Escrever; - Subir e correr; - Desportos.
<p>Linguagem Falada ou Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aquisição da fala; - Articular as palavras; - Aprender vocabulário novo; - Encontrar as palavras certas; - Rimar palavras; - Diferenciar palavras simples; - Leitura e/ou escrita (erros frequentes tal como reversões (d/b), inversões (m/w), transposições (ato/ota) e substituições (carro/cama); - Seguir instruções; - Compreender ordens; - Contar histórias; - Discriminar sons; - Responder a perguntas; - Compreender conceitos; - Compreensão da leitura; - Soletrar; - Escrever histórias e textos. 	<p>Atenção e concentração:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Completar tarefas; - Agir depois de pensar; - Aguardar; - Relaxar; - Manter-se atento (sonhar acordado); - Distração.

Comportamento Social: <ul style="list-style-type: none">- Iniciar e manter amizades;- Julgar situações sociais;- Impulsividade;- Tolerância à frustração;- Interações;- Aceitar mudanças nas rotinas diárias;- Interpretar sinais não verbais;- Trabalhar em cooperação.	Memória: <ul style="list-style-type: none">- Recordar instruções;- Recordar fatos;- Aprender conceitos matemáticos;- Aprender assuntos novos;- Aprender o alfabeto;- Transpor sequências numéricas;- Identificar sinais aritméticos (+, -, x, :, =)- Identificar letras;- Recordar eventos;- Estudar para os testes.
--	--

FONTE: CORREIA; MARTINS (2000).

Segundo Bossa, (2000, p. 56-59), que norteia este trabalho no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, muitas coisas podem atrapalhar o desenvolvimento de uma criança na escola, entre as quais devemos nos questionar e tentar buscar soluções sobre elas:

Uma criança pode achar que ir para a escola não é importante, porque seus pais não conseguem lhe mostrar essa importância. Uma criança pode não aprender porque não sabe lidar com as leis e regras da vida. Uma criança pode não aprender porque seus pais, na tentativa de acertar, erraram por não estabelecer regras e limites. Desta forma, não possibilitaram que a criança aprendesse a ser disciplinada, condição essencial ao trabalho intelectual. Uma criança pode ter um problema de saúde que atrapalha sua aprendizagem escolar. Uma criança pode ser muito inteligente e aprender muitas coisas, mas seu cérebro falha na hora de realizar aprendizagens específicas, como por exemplo, leitura e escrita. Uma criança pode não aprender porque está numa escola onde a forma de ensinar, não está de acordo com sua forma de aprender. Uma criança pode não aprender porque seu professor não sabe ensinar. Uma criança pode não aprender porque precisa de uma ajuda especial e seu professor e sua família não sabem disso.

2.1 FATORES AFETIVOS

O ser humano necessita de carinho, amor, atenção, zelo. E sendo a afetividade um fator importante no seu desenvolvimento, o ser humano torna-se uma pessoa capaz de transmitir também este sentimento, mas quando há falta de afeto, começam a surgir conflitos que podem causar atrasos no seu desenvolvimento.

2.2 FATORES SOCIAIS

A educação estabelece uma relação importante com a sociedade, pois é uma das principais responsáveis por nossa sociabilidade. Quando surgem falhas neste processo educativo, que vem desde o nascimento, a criança/adolescente passa a ter dificuldades em interagir com outras pessoas, levando-o a ser um adulto isolado, triste, amargurado, sendo incapaz de viver em sociedade.

2.3 FATORES RELACIONADOS À MOTRICIDADE

A criança, por meio de seu comportamento físico, expressa suas dificuldades emocionais e intelectuais. Como educadores, devemos saber que é necessário educar o movimento corporal

através da mente. Já dizia um filósofo antigo chamado Juvenal (509 a.C.), “*mens sana in corpore sano*”¹. A motricidade diz respeito à coordenação motora, ao desenvolvimento corporal da criança, sempre respeitando as suas faixas etárias e necessidades. A partir disso, notaremos que, por meio de suas manifestações corporais, ela passará a demonstrar o seu desenvolvimento. De acordo com o Código de Ética da A.B.P (art. 1º):²

A Psicomotricidade é uma ciência que tem como objetivo, o estudo do homem através do seu corpo em movimento, em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito, cuja ação é resultante de sua individualidade e sua socialização.

Esta ciência está sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. Por meio das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas a criança demonstrará se há alguma dificuldade no seu desenvolvimento.

2.4 FATORES COGNITIVOS

Fatores cognitivos estão relacionados aos processos mentais, onde devemos observar a criança, no caso, o aluno, no que diz respeito a esse processo tão importante, pois por meio de suas percepções, decisões, soluções de problemas, suas formas de conceitos e da aquisição de seus conhecimentos é que notaremos se seu desenvolvimento acontece normalmente ou não.

3 MOTIVAÇÃO

3.1. O QUE É MOTIVAÇÃO?

Segundo Michaelis, (2009, p. 603). Motivar é “**3 Despertar** o interesse: Os bons professores sabem motivar os alunos. **4 Incentivar**: Pelo seu exemplo, meu pai me motivou a ler mais”. O professor é o principal responsável em manter a motivação de seu grupo de alunos no processo de ensino-aprendizagem. As condições motivadoras dentro da escola dependem mais do professor, que deverá despertar o interesse dos alunos e incentivá-los; o fator afetivo/social é outro que deverá ser destacado, pois sendo acolhedor, alegre, respeitar o aluno, ter uma relação professor-aluno positiva, possibilita que as aulas sejam mais prazerosas e produtivas.

O elogio é uma das formas mais importantes de motivação dentro de uma sala de aula, pois quando motivado, o ser humano demonstra maior vontade em executar tarefas, mais prazer em fazer as coisas, e o prazer nos abre a janela da memória e da alma. Conforme Cury, (2008, p. 104). “O elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a autoestima. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas. Há pais e professores que nunca elogiaram seus filhos e alunos.” Assim, procure motivar seus alunos em todas as etapas, o elogio antes de uma crítica, fará com que sua relação social com os alunos seja um momento diferenciado, um registro privilegiado na memória destas crianças e farão também com que elas reflitam sobre o erro que cometeram.

4 CRIATIVIDADE

Quando nos referimos à criatividade, devemos mostrar que, como educadores, a preocupação com este fator deva ser constante, tanto da nossa parte, como professores criativos, como também em desenvolver esta característica em nossos alunos. Devemos refletir que, em um ambiente onde as crianças se sentem ameaçadas, criticadas, ridicularizadas, ignoradas perante suas ideias, estas crianças começam a se

¹ Simboliza: mente saudável e corpo saudável. Ou melhor: tudo que a mente emana de positivo ou negativo o corpo tende a captar e refletir através de suas ações. 71

² Associação Brasileira de Psicomotricidade - Esta Associação tem o intuito de promover, colaborar e zelar com os estudos e exercícios de questões pertinentes à psicomotricidade.

isolar, tornando difícil a expressão relativa à sua criatividade. Para que isso não aconteça, devemos encorajar nossos alunos em sala de aula a serem independentes nos seus pensamentos, a serem curiosos, questionadores, que possam julgar e que saibam ser julgados, que sejam seguros e livres perante seus pensamentos.

Bons professores usam a memória como armazém de informações, professores fascinantes usam a memória como suporte da criatividade. Bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações. (CURY, 2008, p.50).

Para que haja um clima favorável ao desenvolvimento da criatividade, é necessário que novas ideias sejam postas em prática, e que sejam seguidos alguns procedimentos, conforme explica Alencar (1993, p. 105-106):

Dar chances ao aluno para levantar questões, elaborar e testar hipóteses, discordar, propor interpretações, alternativas, avaliar criticamente fatos, conceitos, princípios, ideias. Além disso, o professor deve ter uma atitude de respeito pelas questões levantadas, independentemente de serem elas banais e irrelevantes ou inteligentes e bem formuladas. [...] Deve-se valorizar o trabalho do aluno, as suas contribuições e suas ideias. De modo geral, em nosso meio a tendência maior é no sentido de tecer comentários negativos, comunicando ao aluno apenas a extensão de seus erros, salientando os seus fracassos e a sua incompetência. Muito raramente ouve-se um professor dizer para o aluno: “Como você é capaz!”, “Como a sua ideia é original!”, “Como você é habilidoso!”, “Como você escreve bem!” Por outro lado, sabemos que todo ser humano, seja criança, adolescente ou adulto, tem uma necessidade básica de ser aceito, de ser estimado, de ser valorizado, de ver as suas contribuições, os seus esforços, os seus pontos de vista reconhecidos e valorizados, de perceber-se como tendo algum valor, algum

talento, alguma habilidade especial.

5. FAMÍLIA VERSUS ESCOLA

Se a família e a escola trabalharem juntas, contribuirão com êxito no desenvolvimento da criança, isto é, mantendo o respeito e seguindo os procedimentos específicos no processo de ensino-aprendizagem. Quando falamos de estímulos que desenvolvem a criatividade das crianças, devemos observar que não é somente na escola que elas devem acontecer, pois a curiosidade, a espontaneidade e outros traços positivos, são apresentados também no local onde a criança convive com sua família. Se não desenvolvido de forma correta, as crianças acabarão por demonstrar traços negativos em seu processo de aprendizagem.

A criança, no caso o nosso aluno, é um indivíduo com direitos e deveres, que precisa ser respeitado e valorizado em cada movimento que realiza na conquista de sua autonomia, no desenvolvimento de seu espírito crítico e criativo, na construção de seu pensamento, no estímulo à ação cooperativa, responsável e solidária. (SCHRAMM; CABRAL; PILLOTTO, 2004, p. 164).

5.1 ESCOLA: QUAL SEU PAPEL?

A escola tem sido um dos locais mais importantes para a realização e obtenção do conhecimento, bem como para um complemento da educação familiar. Seu papel é desenvolver nas crianças, com auxílio dos professores, suas capacidades intelectuais, onde elas possam ser criativas e críticas, para assim aprender a viver em sociedade. A escola deve tornar a aprendizagem de seus alunos prazerosa e significativa, para isso, deve pesquisar e propor momentos onde a afetividade, o lado social, o cognitivo e motor das crianças sejam observados e motivados. Para que isso aconteça, os educadores poderiam utilizar como ponto de partida trabalhar com jogos e dinâmicas em sala de aula.

Os postulados de Vygotsky parecem apontar para a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado. (REGO, 2002, p.118).

De acordo com Cury (2008, p.113):

A escola dos meus sonhos une a seriedade de um executivo à alegria de um palhaço, a força da lógica à singeleza do amor. Na escola dos meus sonhos cada criança é uma jóia única no teatro da existência, mais importante que todo o dinheiro do mundo. Nela, os professores e os alunos escrevem uma belíssima história, são jardineiros que fazem da sala de aula um canteiro de pensadores.

O professor tem um papel muito importante em sala de aula, mas muitas vezes este papel deve ser avaliado. Ele deve trabalhar a partir das experiências e vivências individuais de cada criança, procurando sempre elevar a autoestima de seus alunos.

“[...] o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual.” (REGO, 2002, p. 115).

5.2 FAMÍLIA: QUAL SEU PAPEL?

A família tem um papel muito importante, porque é na sua casa, com seus pais, irmãos, avós e/ou responsáveis, que a criança aprende a dar seus primeiros passos

no seu desenvolvimento total. Os principais fatores relacionados às dificuldades de aprendizagem começam a surgir em casa, no seu convívio familiar. As situações que causam estas dificuldades estão relacionadas principalmente a:

- Desestruturação familiar e problemas pessoais da família (ex.: perda de um dos familiares, problemas financeiros.);
- Falta de apoio e de interesse dos pais;
- Problemas psicológicos e/ou patológicos.

A família deverá sempre observar o comportamento de seus filhos, pois a escola sozinha não poderá avaliar esse comportamento, já que, na maioria das vezes, as dificuldades também são apresentadas em casa e não somente na escola. Acredita-se que a família tem a principal responsabilidade pelo desenvolvimento total desta criança, no caso, nosso aluno.

Qual é a família de meus sonhos? A família de meus sonhos não é perfeita. Não tem pais infalíveis, nem filhos que não causam frustrações. É aquela em que pais e filhos têm coragem de dizer um para o outro: “Eu te amo”, “Eu exagerei”, “Desculpem-me”, “Vocês são importantes para mim”. Na família dos meus sonhos não há heróis nem gigantes, mas amigos. Amigos que sonham, amam e choram juntos. Nela, os pais dão risadas quando perdem a paciência e os filhos deboçam da própria teimosia. A família dos meus sonhos é uma festa. Um lugar simples, mas onde há gente feliz. (CURY, 2008, p.113).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho é que possa contribuir no desenvolvimento e formação de professores no sentido de salientar os processos de ensino-aprendizagem dos alunos utilizando maneiras criativas e motivadoras. Assim, que sejam elaborados projetos pedagógicos, de forma que os alunos sejam respeitados e avaliados como

um todo, principalmente no que diz respeito ao seu lado cognitivo, afetivo, social e motor.

Devemos entender que o nosso papel como professor é de observar o aluno e auxiliá-lo no seu processo de aprendizagem, buscando tornar as aulas mais motivadoras, criativas e dinâmicas. Desta forma, não devemos criticar negativamente ou rotular os alunos, mas sim, dar-lhes condições e chances de descobrir suas potencialidades.

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting; CABRAL, Rosinei Maria Wilvert; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (organizadoras). **Arte e o ensino da arte: teatro, música e artes visuais**. 1ª ed. Blumenau: Nova Letra, 2004.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **Código de ética do psicomotricista**. Disponível em: <<http://www.psicomotricidade.com.br/etica.htm>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Criatividade**. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

BOSSA, Nadia Aparecida. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORREIA, Luís de Miranda; MARTINS, Ana Paula. **Dificuldades de Aprendizagem de aprendizagem**. Biblioteca Digital: Porto Editora, 2000.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

MICHAELIS. **Dicionário prático da língua portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

OLIVEIRA, Fernanda Germani de. **Psicologia da Educação e Aprendizagem**. Indaial: Ed. Grupo UNIASSELVI, 2011.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

A FOTOGRAFIA COMO AUXILIADORA E FONTE DE CONHECIMENTO

Vanessa Mulina

Tutor Externo: Aparecido Parente

Professora: Elisiane Souza Saiber Lopes

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

Licenciatura em Artes Visuais (ART0133/3) Prática Educativa - Módulo I

27/05/2013

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade salientar a contribuição do uso da fotografia para o conhecimento em sala de aula. A imagem é algo que acompanha a nossa vida desde os primeiros meses de nossa vivência, pois é por meio da contemplação de nossas imagens que, quando crianças, passamos a reconhecer e a traçar nossa identidade. A fotografia usada como material didático-pedagógico é um grande recurso, pois faz com que o aluno veja o passado, a situação ou o espaço físico e o finalize ao seu realismo o seu olhar crítico. Nossos alunos têm o direito de aprender sobre o nosso passado e só conseguirão esse aprendizado através das leituras de nossas antigas fotografias e estas, por sua vez, trazem consigo não somente informação, mas sim compõem uma visão de mundo.

Palavras-chave: Fotografia. Arte. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

Hoje estamos acostumados a nos ver em imagens fotográficas, ver o nosso mundo por meio dos olhos das lentes, sejam elas de máquinas fotográficas ou de um aparelho de celular. A imagem é algo que acompanha a nossa vida desde os primeiros meses de nossa vivência, pois é por meio da contemplação de nossas imagens que, quando crianças, passamos a reconhecer e a traçar nossa identidade.

Partindo desse ponto é que o uso da fotografia em sala de aula entra em questão, pois esse método auxilia o professor nos conhecimentos que o aluno deve construir em sua escola. A fotografia compõe uma das mais excitantes experiências reflexivas usadas em sala de aula, pois faz com que o aluno crie um olhar crítico positivo sobre o

conhecimento que vai adquirir.

Segundo Entler (2007, p. 5), “quando a fotografia surgiu no século XIX, conquistou rapidamente a atenção e a simpatia de muitos, mas teve de enfrentar duras críticas de artistas que não reconheciam seu caráter estético”. O uso das imagens como fonte auxiliadora no conhecimento, às vezes passa despercebido pelo cotidiano da vida escolar, pois muitas vezes é somente decorativo e, por este motivo, acaba no esquecimento ou não sendo conferida a importância que realmente merece. Comparada com a nossa situação vivida, a fotografia tem caráter momentâneo, mas não é por isso que ela deixa de ter a sua leitura própria do nosso mundo. Se pararmos para pensar, quando um fotógrafo utiliza suas lentes, ele eterniza, ou seja, naquele momento há várias determinações que influem direta ou indiretamente na situação.

A fotografia é um produto cultural e é também a arte visual, por isso é que tem um espectador, que é aquele que, ao olhar para a figura, mantém a relação com a fotografia. Sendo assim, pode-se dizer que há relação entre a fotografia e o observador. Considerado um texto, a fotografia deve ser lida como qualquer outro tipo das várias formas de textos que temos, mas para que isso ocorra, o aluno precisa aprender a conhecer as linguagens visuais que uma imagem passa.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (KOSSOY, 1989, p. 101).

O professor que utilizar a fotografia em sala de aula como um recurso pedagógico em suas práticas contribuirá para a construção do conhecimento dos seus alunos, desenvolvendo a ter sensações específicas, pois deve indicar para que eles observem a imagem e, assim, instigar a produzir novas imagens através daquela analisada. A fotografia usada como material didático-pedagógico contribui para o aprendizado dos alunos, pois faz com eles vejam o passado, a situação ou o espaço físico e finalize ao seu realismo o seu olhar crítico.

2 A FOTOGRAFIA EM SALA DE AULA

Hoje, em nosso moderno cotidiano escolar, em que a tecnologia digital está em alta, o uso de imagens fotográficas em sala de aula para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos é de suma importância, pois nossos alunos têm o direito de aprender sobre o nosso passado e conseguir esse aprendizado por meio

das leituras de nossas antigas fotografias, e estas, por sua vez, trazem consigo não somente informação, mas sim compõem uma visão de mundo. Mauad (1996, p. 68) utilizou alguns termos de Jacques Le Goff para explicar que:

[...] há que se considerar a fotografia, simultaneamente, como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos [...] No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. [...].

Por este motivo é que este *paper* tem por finalidade mostrar a contribuição de trabalhar com a fotografia em sala de aula, respaldando aqui a aula de Arte, pois a mesma necessita que se mostre a historicidade das obras e de seus artistas e isso em sua maioria se fará por meio das fotografias. Salienta-se que para o conhecimento ser adquirido corretamente pelos educandos, o professor deve ensinar aos seus alunos a “ler nas entrelinhas”, e parar para pensar nas seguintes observações: o que, por que, como, qual o motivo da fotografia ser feita; de sua realização, qual o sistema de ideias e o que de fato está sendo representado. Aprofundando este pensamento Kossoy (1989, p. 29), enfatiza que:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado é refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em três estágios: 1º lugar uma intenção para que ela existisse; 2º lugar o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia; 3º estágio os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passaram, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram.

O professor deve mediar a situação em sala de aula, proporcionando uma leitura de imagem (foto) contextualizada para que o aluno reflita sobre a imagem. Fazendo isto, o professor estará desenvolvendo em seu aluno um aspecto de investigação e assim, contribuir para a formação de alunos como cidadãos críticos e conscientes. Ao conseguir que seu aluno tenha este olhar, o professor conseguirá estabelecer parâmetros e análises sobre todos os aspectos contidos na fotografia. Porque a fotografia é uma das maneiras mais expressivas do ser humano, representando o seu ser, o seu pensar e o seu agir. Por isso, frisa-se que se a fotografia for contextualizada corretamente não terá como negar a sua contribuição para o conhecimento. A este processo Aumont (2005) chama de 'esquema', ou seja, o processo da rememoração pela imagem.

Através de todo esse processo, o professor pode trabalhar vários aspectos, um deles é a estimulação, fazer com que seus alunos formem pensamentos visuais por meio da fotografia, ou seja, fazer com que discutam o que compreenderam contextualizando historicamente, cultural e socialmente, fazendo o aluno refletir a imagem de maneira a querer representar o mundo na sua realidade. Outra atividade que pode ser feita é ensinar os alunos a serem fotógrafos, a reproduzirem as aparências reais da sua realidade. Desse modo, os alunos poderão ter a chance de explanar essa realidade, participando ativamente do seu mundo.

3 A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

O primeiro objeto que foi parecido com uma máquina fotográfica foi descrito por Alhaken de Basora, árabe que viveu aproximadamente há 1000 anos. Através de suas experiências, ele descobriu como se formavam as imagens no interior de sua tenda, quando a luz do sol passava pelas aberturas do tecido. Mais tarde, surge a câmera escura, era como se fosse a máquina

fotográfica da época, esta era empregada para conseguir as imagens e os contornos eram desenhados na câmera escura. As câmeras escuras são conhecidas desde o século XVI, quando artistas revolucionários como Leonardo Da Vinci utilizavam a câmera escura para desenhar. No século XVII, as câmeras escuras deixaram de ser grandes e passaram a ser móveis. Os franceses e irmãos Jean Niceforo e Claude Niepce foram os primeiros a relacionar a imagem com a luz e uma câmera escura.

Alguns anos mais tarde, o Frances Louis Jaques Mande Daguerre, trabalhou duramente para desenvolver um sistema para conseguir que a luz sucedesse de tal maneira que escurecesse e, assim, fosse capaz de produzir a duplicação. Após o avanço positivo, a dita foto demorava de 25 a 30 minutos para ser tirada, e isso só ocorria se houvesse sol. Mais tarde, o inventor William Henry Talbot, fez várias experiências e solucionou o problema. A partir de então, foram sendo feitas várias investigações e experimentos para a revelação das fotografias.

No Brasil, a fotografia surgiu no século XIX e se alastrou rapidamente, D. Pedro II, em 1840 se tornou o primeiro fotógrafo do país. A palavra fotografia é entendida com o seguinte significado: A arte de fotografar = escrever (grafar) com a luz (foto). Com este significado, a fotografia acabou se estabelecendo não só numa arte como na forma de se enxergar o mundo, "a invenção da fotografia representou a criação de um poderoso instrumento para a exploração visual do espaço e a apreensão do tempo vivido" (TURAZZI, 2005, p. 4).

No caminhar dos séculos, a fotografia se estabeleceu como uma forma de expressão das vontades e das realizações das pessoas. A fotografia como forma de expressão se eterniza de geração a geração e ajuda a contar a vida de todos nós.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia está tão presente em nossa sociedade atualmente, que não conseguimos percebê-la como meio de comunicação e conhecimento em nossa vida. Por este motivo, o trabalho com fotografias em sala de aula é primordial, pois assim, nós professores mediadores do conhecimento despertaremos o senso crítico em nossos alunos. Trabalhando com a fotografia como um recurso para o desenvolvimento do conhecimento, o professor conseguirá fazer com que seus alunos compreendam questões históricas, tempo e espaço e fará com que o educando perceba que todos nós somos atuentes dessa história que se encontra ainda em construção.

Nesse ponto de vista, defendo que a fotografia exerce um papel predominante no processo de produção do conhecimento, pois ela pode ser considerada como um recurso pedagógico que enriquece o processo de ensino e aprendizagem de Arte, e por meio dela, pode-se desenvolver a curiosidade no aluno, pois o objetivo de se trabalhar com a fotografia é de contribuir para o desenvolvimento amplo do conhecimento.

De certo modo, é um desafio para que os alunos busquem a informação, motivando-se a se inserirem no processo de conhecimento. Com todo esse processo motivador, espera-se que o aluno desenvolva a capacidade de interpretar as informações contidas nas fotografias e aprendam o caminho da observação como fonte de conhecimento.

Normalmente, os alunos não se prendem aos detalhes críticos das fotografias, eles apenas olham a imagem e não se aprofundam no olhar crítico sobre a imagem e é nesse momento que o professor deve intervir para que os alunos aprendam a refletir e buscar nas fotografias os aspectos

escondidos por trás daquele material tão rico em conhecimento, pois como diz o famoso ditado popular: “a imagem vale mais do que mil palavras”.

Portanto, refletir e reconstruir o significado da trajetória da fotografia se faz de suma importância quando se leva as fotografias para a sala de aula para auxiliar o conhecimento de um conteúdo, porque, assim, o aluno se fará participante da construção de seu próprio meio, de sua sociedade e, através da experiência de aprendizado em sala de aula, o aluno se sentirá inserido na história do seu mundo.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 10. Ed. Campinas: Papyrus, 2005.

ENTLER, R. **Retrato de uma face velada: Baudelaire e a fotografia**. In: Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP. Nº 17, 2007, p.4-14.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História – Interfaces**. Tempo. Rio de Janeiro, Vol. 1, nº2, 1996, p. 85.

TURAZZI, M. I. **História e o ensino da fotografia**. Projeto Araribá: informes e documentos. São Paulo: Moderna, 2005.

UNIASSELVI - Centro Universitário Leonardo da Vinci
Rodovia BR 470, Km 71, no. 1040, Bairro Benedito
Caixa Postal: 191 - 89.130-000 - Indaial / SC
Fone (47) 281-9000/281-9090
www.uniasselvi.com.br
editora@uniasselvi.com.br
